

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHia



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRESA NACIONAL

1900

SUMMÁRIO

- DO ARREIRO Á MOURARIA: 257.
TORRE DE D. CHAMA: 279.
CARRANCA DE BRONZE ROMANA: 281.
NOTICIAS PREHISTORICAS: 281.
ANTIGUIDADES ROMANAS DE LISBOA: 282.
AMULETOS: 287.
ARCHEOLOGIA TRASMONTANA: 290.
QUESTIONARIO ARCHEOLOGICO: 295.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES»: 297.

Este fascículo va ilustrado com 11 estampas.

ARCHIVO HISTORICO PROVINCIAL (GRANADA)	
Sala	_____
Sección	_____
Serie	_____
Libro n.º	72

BIBLIOTECA DE LA CATEDRAL DE GRANADA	
Sala	_____
Sección	_____
Libro n.º	15

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1888-1890

N.º 9 E 10

Do Areeiro à Mouraria

(Via Arch. Port., v, 212)

Fontes

Todo o valle e suas encostas eram abundantes de agua, como já fica notado, possuindo cada almoinha ou horta o seu poço, com o que provavelmente se não desprezava o uso contingente das aguas do rego.

As fontes publicas mais importantes existiam em Arroios e em Santa Barbara, confundindo-se a agua restante com a do mencionado rego.

O chafariz ou fonte de Arroios é mencionado pela primeira vez em 1184, e depois num documento de 1455 (Livro 84 de *S. Vicente*, fl. 59); e o de Santa Barbara em 1463 (Livro 7 da *Extremadura*, fl. 12) e 1466 (Livro 14 de *S. Domingos*, doc. 198).

No fim do sec. XVI (*Elementos*, II, 83) havia no sítio da Bemposta um poço pertencente a João de Goes, o qual poço foi adquirido pela Camara de Lisbon, sendo a sua agua encanada para o Rocio onde se levantou um chafariz para uso do público até que em 1786 foi elle demolido para ceder o logar a outro na Rua de S. Vicente, á Guia. Esta fonte é actualmente representada pelo chafariz do largo do Soccorro. A agua do poço de João de Goes era conduzida até a rua dos Anjos por um aqueducto; parecendo-me que foi esta construção que deu á quinta atravessada o nome dos Castellinhos, presentemente, tambem, nome de um novo bairro. Consta-me tambem que esta quinta pertenceu á familia Castello, donde provirá o nome.

A tentativa de levar agua ao Rocio não é moderna. Em 1474 (Livro 4 da *Extremadura*, fl. 1 v.) havia um chafariz no Rocio, (Largo de S. Domingos) alimentado com a agua do proprio local: as recentes obras do elevador de S. Sebastião da Pedreira mostraram claramente



a passagem aqui de uma corrente subterranea. Em 1671 descobriu-se «pouco distante da egreja dos Anjos desta cidade, entre as hortas e o campo da mesma freguesia ¹» uma fonte que se denominou *bica das Fontainhas*.

Agricultura

A abundancia de agua tornou o valle, tambem, muito fertil.

A muralha de D. Fernando, descendo do Castello e subindo pelo monte que se denomina de Santa Anna, atravessava no valle unicamente almoinhas e nas encostas olivaeas. Toda a planicie, muros a dentro, até o limite meridional do Rocio, pela sua abundancia de agua, era completamente apropriada a horticultura. Edificios parece que só se levantava desde o seculo XIII o mosteiro de S. Domingos nas raizes do monte de Santa Anna, protegendo-o a muralha que corria pelo referido monte.

Todo o moderno Rocio e a Praça-da-Figueira estavam retalhados em almoinhas conforme indica um documento de 30 de Abril de 1386 (Liv. 11 da *Extremadura*, fl. 152 v): «a qual casa e almuynha estava no rossyo da dita cidade donde venden a erua. E parte a dita almuynha com as almuynhas de maria esteuez da cotonia ² e com casas de maria francisqueu e com outros». Formavam estas hortas o reguengo das almoinhas (doc. de 14 de Dezembro de 1473, no Liv. 4 da *Extremadura*, fl. 17 v): «chaão que he no reguengo das almuynhas da par do ressyto que parte de hũa parte com quintall de Tomas Luis e da outra com Manuel Piriz e da outra com rrua prunica que vay da bor-ratem pera o rresyo e da outra com quintall, etc.».

Um documento de 1430 descreve-nos o sítio do largo de Santa Justa:

«Campo e reguengo em que ora stam arvores e fruitas e hortaliças que nos auemos dentro na cidade de Lixboa na freguesia de Santa Justa acerca do Resio da feira, o qual campo parte per estas confrontações. e, como se começa na ponte de dentro das casas e eixidos que ora som do dito conde dom pedro que foram de Diego da Veiga indo assy partindo contra o poente a rredor das paredes das casas e as ortas que per hi stam ataa o quanto do dito campo e desse canto assy partindo e hindo a rredor das hortas e paredes das casas que per hi uão sempre per dentro e como parte per casas e alpenderes que de nos hi trazem foreiros aforadas e emprazadas indo assy sempre partindo per valados e casas que per hi ora stam assy como essa diuisã uay en-testar no caminho publico em que sta hũa ponte per que atrauesam

¹ *Elementos*, VIII, 304.

² É o sítio onde hoje existe a Escola Polytechnica.

do Resio da feira de Santa Justa e dessa ponte como se esse campo parte sempre indo pera cima contra o leuante da parte do nosso castello assy como uay entestar em outro canto onde ora stam huñ poço dagoa que sta fora junto com o ualado das ditas hortas e campo o qual poço he nosso e das perteenças dessas hortas e campo E a outra deuisom he como torna indo assy per este ualado contra a parte do mar partindo ataa que uay juntar no eixido e casas do dito conde dom pedro himdosse a diuisom e as confrontações deste campo onde primeiro começaram»¹.

O sitio de *Borratem* é bastante antigo. A etymologia d'este nome é desconhecida, não representando a pronuncia moderna na maior parte das vezes a fôrma anterior. Numa citação a cima apparece-nos do genero feminino. Um documento de 5 de Fevereiro de 1455 (Livro 84 de *S. Vicente*, fl. 95) diz: «o logar que chamam Baratem». Outras vezes apparece *Barrotem*.

Existe hoje entre a rua do Arco do Marquês de Alegrete e a dos Canos um beco insignificante, intitulado da Povoia². Este nome indica talvez a existencia de uma pequena aldeia neste sitio. Uma carta de 16 de Junho de 1347 (n.º 1600 de *Santos*) diz: «lagares de vinho e de azeite q's quaes en ej na Cidade de Lixbõa a par da poboia ante as casas de Johã Affonso a par do spital dos Meninhos». O hospital dos meninos (expostos) corresponde á ermida de N. S. da Guia. Em 1420 fala-se na rua da *Poboia* «acerca da porta de sam Vicente» (n.º 662 de *Santos*). E no livro 84 de *S. Vicente*, fl. 378 e em 1424 está o seguinte: «Joham Roiz moedeiro, filho de Mateus Roiz, morador na dita cidade ao poço da poboia, freyguesia de Santa Justa».

O monte de Santa Anna (chamado assim da invocação do convento construido em 1561) supportava nos seus flancos descarnados pelas pedreiras, talvez começadas a aproveitar por D. Fernando, olivae e vinhas. D. Manuel em 1500 (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 160), mandando cortar todos os olivae existentes dentro da cidade e todas os de fóra dos muros até dois tiros de bésta, determinou ao mesmo tempo que esses terrenos ficassem em rocios. Segundo parece, parte do terreno intra-muros de Lisboa desde a porta de Santo Antão até á de S. Vicente pertencia a S. Domingos por concessão real ao tempo da fundação, posto que se não tenha encontrado ainda o documento original ou

¹ *Chancellaria* de D. João I, livro 4.º, fl. 126 v.

² No seculo XVI ou XVII tambem se dizia *Povoia dos Vinagreiros* (n.º 315 de *S. Domingos, Remessa dos Proprios Nacionaes*). Ao lado do beco da Povoia ha ainda hoje a rua dos Vinagres.

cópia. No tombo de S. Domingos, liv. 31, em cada emprazamento apparece a seguinte noticia (por ex.: fl. 18): «ho qual chão o dito mosteiro pesuy e lhe foy dado junctamente com o chão de junto do Espirital ate o muro que vay da porta de Santo Antão ate os Canos da Mouraria como tudo se declara nas escrituras e sentenças que delle tem que o dito Juiz vio».

O terreno onde se traçou a rua nova da Palma pertencia no entanto ao mosteiro de S. Vicente de Fóra. (Tombo 187 dos conventos, remessa dos Proprios Nacionaes).

Nos seguintes documentos encontra-se a applicação agricola do terreno entre as duas portas.

«hũa almoynha que o dito mosteiro ha dentro na cerca da dita cidade a qual he antre o muro e canos da porta de sam Biciente e o mosteiro de sam Domingos cõ suas cassas direitos e pertenças que parte com o dito muro e olynal do dito mosteiro de sam Domingos e cõ caminho que bae arredor da dita almoynha de sam Domingos pera a porta de sam Biciente». 1424. (Livro 84 de S. Vicente, fl. 378 v).

«huã terra com sua pedreira Junto cõsigo a quall terra parte com ho muro da Cidade de longo des ho muro des contra huã currell dos boys ataa os canos do muro des contra a porta de sam Vicente». 1466. (Livro 20 de S. Domingos, doc. 4).

«huã grande chão com sua pedreira que tapa com ho muro do concelho e em fundo com ho adro do dito mosteiro e vay todo de longo des o muro des contra Santo Antom ataa os canos da porta de Sam Vicente no quall chão com sua pedreira estauom dous oliuaes s. huã que tras Afonso Vaaz ourivez emprazado que vay ao longo do dito muro e outro que soia trazer Martin Vaz Guitarreiro com suas cassas que parte com o dito adro da parte de fundo e emtesta com a dita pedreira e oliuaes do dito mosteiro». (Id., doc. 21).

«hũa grande terra cõ pedreira e cõ oliuaes e casas acerca do dito mosteiro que parte cõ o muro do concelho e corre de longo ataa os canos per u correm as augas choudiças e em fundo parte cõ adro do dito mosteiro e com casas que foram de Martin Vaasquez Guitarreiro». 1479. (Id., 6).

«..... hũas casas logo hy acerca do mosteiro contra o uliall que partem de hũa parte cõ casas que foram do comde d'Abranches que ora som de seu filho dom Antam e doutra parte com casas do dito mosteiro que foram do guitarreiro e de tras entestam com barroca do dito uliall». (Id., doc. 38).

«huã oliuall que esta dentro dos muros da dita cidade ho quall holiuall trazia emprazado Fernam Pirez Requeredor ho quall holiuall

parte de hũa parte cõ ho dito muro da dita cidade e com ho holiuall de Santo Loyo e cõ outro holiuall do dito moesteiro de sam Domingos que ora tras Pere Aluez holeiro aforado e se chama holiuall da Pedreira». (*Id.*, doc. 8).

O terreno fóra dos muros de Lisboa era agricultado de fôrma igual ao que ficava intra-muros, como adeante veremos.

A Muralha, e ruas da Palma e da Mouraria

A muralha de D. Fernando descia da montanha e penetrava no valle no sítio do Arco do Marquês de Alegrete, ainda hoje cheio de vestigios d'ella, em via agora mesmo de desaparecimento, mercê do auxilio prestado pela Camara aos proprietarios do novo bairro. Subia depois o monte de Santa Anna onde fazia uma saliencia para o effeito tactico de alcançar a altura mais desafrontada do referido monte, pelo qual descia a fim de atravessar o valle da Avenida, onde havia a porta chamada de Santo Antão. Não creio houvesse primitivamente entre as portas de S. Vicente e Santo Antão outras aberturas effectivas, só posteriormente a conveniencia pública fez descerrar o panno do muro. Uma d'essas aberturas seria «o postigo da rua nova da Palma que sai ao Jogo da Pella» assim denominado em 1625 (*Elementos*, III, 166). Este postigo foi aberto pouco antes de 1562 (*Elementos*, I, 567): «o postigo que se abriu ao jogo da pella», ao mesmo tempo que se traçou a Rua Nova da Palma, como diz o mesmo documento «e por se abrir a Rua nova da palma, da parte de dentro, e se abrir o dito postigo, creceo a poucação de hũa parte e doutra».

A comunicação primitiva da baixa de Lisboa com o arrabalde da mouraria fazia-se, ao que me parece, a principio através da porta de S. Vicente (arco do Marquês de Alegrete) pela azinhaga que saía do Borratem e tambem talvez pela rua dos Canos, quando as chuvas o permittiam. Augmentando o transito, resolveu a camara abrir uma nova rua no valle rompendo-se, como já atrás fica notado, a muralha. A rua nova recebeu o nome de *Rua Nova da Palma*, não querendo dizer esta denominação que houvesse uma rua anterior chamada da Palma. Quanto ao termo *Palma* não consta houvesse precisamente por onde foi traçada a nova via de comunicação ermida nenhuma assim chamada; a que havia ficava bastante distante para ter influido.

Até o meado d'este seculo a rua nova da Palma terminava junto do palacio do Marquês de Alegrete, depois ella foi prolongada até o largo do Intendente, passando através das hortas.

Da porta de S. Vicente saía uma rua em direcção a Arroios encostada ao monte do castello. O nome primitivo d'esta rua era *da porta*

de S. Vicente, só mais tarde se começou a denominar exclusivamente *rua direita da Mouraria*, e depois simplesmente *rua da mouraria*. A citação mais antiga da rua da porta de S. Vicente é de 1404.

1404. «Rua direita da porta de sam Vicente». (*Santos*, n.º 589).

1436. «no arrualde na rua direita que vay da porta de sam vicente pera fora». (Livro 10 da *Extremadura*, 203).

1436. «rrua publica que vay pera a porta de sam vicente». (*Id.*, fl. 213 v.)

1463. «estrada pruuica que vay da porta de sam uicente». (Livro 7 da *Extremadura*, fl. 212).

1474. «rua pruuica que uay da porta de sam uicente pera fora da cidade». (*Id.*, fl. 134).

1489. «rua publica que uay pera a porta de sam Vicentes». (*Santos*, n.º 592).

1494. «rua da porta de sam uicente fregrißya da dita Igreja de Santa Justa». (Livro 2 da *Extremadura*, 242 v.).

1497. «Rua que vay ha porta de sam uicente da mouraria freguisia de santa Justa». (Livro 1 da *Extremadura*, 246).

1497. «Rua pruuica que uay pera porta de sam uicente». (Livro 12 da *Extremadura*, fl. 40).

1499. «Rua direita da porta de sam vicentes». (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 170 v.).

1503. «Rua direita que uay da porta de sam Vicente pera sam Jurdam». (*Santos*, n.º 603).

1516. «Rua que vay da porta de sam Vicente da dita cidade pera sam Jurdam». (*Santos*, n.º 1779).

1545. «Rua direita da Mouraria». (*Santos*, n.º 669).

1582. «Rua derecha da mouraria que vai pera Santa Barbora acima de Macabenn (?) da banda das ortas». (*Santos*, n.º 1777).

1596. «Rua derecha que vay da Mouraria pera a Igreja de santa Barbora». (*Santos*, n.º 1774).

O hospital dos meninos ou ermida da Guia

Na rua da porta de S. Vicente havia um recolhimento para crianças abandonadas instituído pela Rainha D. Beatriz ou Brites, esposa de D. Affonso III, falecida em 1300¹.

¹ J. B. de Castro, *Mappa de Portugal*, III, 437. Porém na lista das igrejas de Lisboa, feitas não posteriormente ao reinado de D. Affonso III, ao que parece, (*Memorias para a historia das Inquirições*, etc., pag. 15 dos documentos) se diz a seguinte: «Ecclesia Innocentum Hospitalis puerorum».

1347. «spital dos Meninhos». (*Santos*, n.º 1609).

1394. «..... no dito logo da porta de sam Vycente junto cõ o espital dos mñjnjos que partem cõ albergaria do dito espital». (*Santos*, n.º 1613).

1440. «espiritall dos meninos». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 81).

1497. «espiritall dos menynos setuado na Rua que vay ha porta de sam uicente da mouraria freguesia de santa Justa». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 146).

Passou por várias phases este hospital, segundo conta J. Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, III, 437. A existencia d'este estabelecimento prova que a actual rua da Mouraria não fazia parte do arrabalde dos mouros, e effectivamente a estrada que saía de Lisboa por uma das suas portas principaes e com a invocação do padroeiro da cidade, não devia estar inquinada com a vizinhança mahometana. Ainda assim parece que havia um ou outro mouro residente, como tambem havia entre os almoineiros christãos outros mouros.

S. LAZARO

Na encosta do monte de Santa Anna existia talvez já anterior ao reinado de D. Affonso III (1245) a *Ecclesia Sancti Lazari* mencionada pela primeira vez num documento sem data inserto nas *Memórias para a historia das Inquirições*, pag. 85.

1381. «caminho que uay pera Sam Lazaro». (*Santos*, n.º 631).

1420. «caminho que bae pera sam lazaro». (*Santos*, n.º 662).

1440. «caminho publico que uay pera sam lazaro». (*Santos*, n.º 638).

1440. «acerqua de sam lazaro da dita cidade a par de bemfiqua que parte com caminho do concelho que vay pera o dito sam lazaro». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 81).

1489. «caminho que uay pera sam lazaro». (*Santos*, n.º 592).

1503. «caminho do concelho que vay teer a sam Lazaro». (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 15 v).

1510. «Caminho que vay pera sam Lazaro». (*Santos*, n.º 671).

1514. «azinhagaa que uem do poço de sã Lazaro e vay ter aos canos de sam Domingos». (*Santos*, n.º 593).

1516. «travessa que saee da dita Rua direita que uaj para sam Lazaro». (*Santos*, 1779).

1542. «hortas de sã Lazaro». (*Santos*, n.º 617).

1445. «caminho publico que vae da rua direita da mouraria para sam Lazaro». (*Santos*, n.º 669).

1555. «Rua que vae pera Sam Lazaro». (*Santos*, n.º 626).

1581. «..... á mouraria a ponte de sã Lazaro. (*Santos*, n.º 1795).

1586. «acima da ponte de sam lazaro onde se chama o curralinho». (*Jesuitas*, maço 2, pacote 7).

Este caminho corresponde hoje á calçada de S. Lazaro e á Carreirinha do Soccorro (rua de Fernandes-da-Fonseca).

Beco da Barbaleda

Este beco vem desembocar á Carreirinha do Soccorro. Tira o seu nome de Barba Leda, alcunha ou appellido de um individuo aqui residente no seculo XVI, e em cuja epoca se traçou o referido beco. Segundo um documento de 1542 (*Santos*, n.º 617) chamava-se este individuo João do Rego Barbaleda e sua mulher Isabel Fernandes Barbaleda. Um outro documento de 1516, por publica fórma de 1554 (*Santos*, n.º 1779) diz o seguinte:

«casas que sam na Rua que vay da porta de sam Vicente da dita cidade pera sam Jurdam¹ e partem do levante com a dita Rua e do poente com o sobredito chaom que vay de tras ellas e do norte e do sull com outras cassas do dito mosteiro que trazem outras pessoas. E o dito chaom vaj de tras ellas e parte do poente cõ o Reguo que vaj pera os canos e do norte com outro chão do dito mosteiro que traz Joam Diaz e do sull com hũa travessa que saee da dita Rua direita que vaj pera sam Lazaro e do leuante com hũa renque de casas do do dito mosteiros».

Diogo Luis², foreiro d'este chão pretendia abrir nelle uma rua que começava na *travessa que sae da Rua direita* e terminava no fim do terreno. A rua não continuou a avançar pelos terrenos seguintes, ficando atrophiada em becco como diz outro documento de 1581 (*Santos*, n.º 1795): «á mouraria a ponte de sã Lazaro dentro no beque de Barbaleda e partem da banda do poente com casas e chãos de Joã Vaz e do norte partem com cazas que foram do dito Barbaleda e ora sã de Aluaro Dias curtidor e da banda das ortas partem com Reguo da cidade e por diante partem com o dito beque.....»

S. Jordão e Santa Barbara

Jorge Cardoso, *Agiologio*, IV, 460, diz o seguinte: «Na Freguesia dos Anjos da Cidade de Lisboa havia huma Ermida antiga de Santa

¹ Rua do Bemfornoso, mais antigamente do Boi Forno. O documento mais antigo que menciona este sitio (escolla de boi forno na rua direita que vai pera S. Barbara) tem a data de 1620. (Alcobaça, *Sentenças*, 33, fl. 318).

² Uma filha d'este Diogo Luis e de Violante Rodriguez, de nome Breatis Luis, casou com o pintor Simão Affonso, conforme um documento de 1555 (*Santos*, n.º 1783).

Barbara, aonde estava hum Imagem de S. Jordão; ficava esta Ermida pouco distante do chafariz e della se vem ainda hoje vestigios; arruinada com o tempo a Ermida, forão levadas as Imagens de S. Jordão e Santa Barbara, para a parochia dos Anjos, onde se venerão, e tem suas Confrarias». A ermida de Santa Barbara começou por ser um estabelecimento identico aos de S. Lazaro e dos Meninos Innocentes. O valle que vinha de Arroios não era o unico escolhido para estas instituições piedosas. Em toda a Lisboa antiga se encontravam hospitaes. O pergaminho 361 do mosteiro de Chellas ao descrever uma almoinha diz o seguinte: «que he apar do ospital de ssanta Barbora». Tem a data de 1339. S. Jordão, santo archi-apocrypho era advogado dos casamentos e a elle recorriam as donzellas de Lisboa. Pelo tempo adeante as romarias ao santo foram prohibidas porque «ainda nos actos pios se introduzem abusos e desordens».

Por detrás da ermida ficava um valle chamado de S. Jordão, conforme o testemunho de Jorge Cardoso ou do seu continuador, valle por onde corria a agua de Arroios.*

As noticias são as seguintes:

1503. «Rua Direita que uay da porta de sam Vicente pera Sam Jurdam»; «rego que uem de Sam Jurdam». (*Santos*, n.º 603).

1516. «Rua Direita que vay da porta de sam Vicente da dita cidade pera Sam Jurdam». (*Santos*, n.º 1779).

1551 (?). «Ermida de Santa Barbara e S. Jordão, citação de Christovão Rodrigues de Oliveira, apud Sr. Castilho, *Lisboa Antiga*, vii, 59.

1592. «Item a sam Jurdão pegado aos Anyos hum oliual que tras Dom Diogo de Lima que desfez em uinha e o meteu na sua quinta cerquada». (n.º 315 de *S. Domingos*, fl. 14, Proprios Nacionaes).

O campo de Santa Barbara abrangia superficie maior do que o moderno largo de Santa Barbara. Nas suas immediações havia a já mencionada ermida da Santa, festejada no seculo XIV: «El-rei (D. Pedro I). . . . mandou, com pena de morte, que, quando ellas (*as christãs*) fossem pela porta de Santo André á romaria de Santa Barbara, etc.»¹.

Neste campo ou rocio exercitavam-se os moradores de Lisboa em jogar o arco (tirar ao alvo) e tambem na carreira dos cavallos, de que lhe ficou o nome em parte. Teve o nome de campo da força por ser o local d'este supplicio em certa epoca.

1399. «hũa quintãa que he em termo da dita cidade acerca do Resio de santa barbora. . . . e da parte do abrego com martim vaas-

* Apud Sr. Castilho, *Lisboa Antiga*, vii, 58.

quez que foy homem da nossa alcaldaria e com estrada pruuica que vay pera carnide. E da parte do soaão com Resio do concelho homde jogam o arco. . . . » (Livro 12 da *Extremadura*, fl. 126).

1436. «rua pubrica que uay da porta de santo Andre pera santa barbora». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 214).

1440. «Rego que uem de santa barbora». (Livro 7 da *Extremadura*, fl. 212).

1463. «chafariz de sancta barbora». (Livro 74 de *S. Domingos*, doc. 198).

1582. «Rua dereita da mouraria que vai pera santa Barbora acima de Macabeu (?)». (*Santos*, n.º 1777).

1596. «Rua dereyta que vay da Mourarya pera a ygreja de Santa Barbora». (*Santos*, 1974).

Villa Quente

Na parte superior da Mouraria no caminho que vae da porta de Santo André para o postigo de S. Lourenço, caminho hoje chamado da *Costa do Castello*, estava situada a celebre *Villa Quente*, conforme o Tombo de 1573, existente na Camara de Lisboa, fl. 139 v: «Tem a cidade hñas casas na rua que vai da porta de Sancto André pera o postigo de Sam Lourenço, onde se chama Villa quente. E estão á mão esquerda, indo pera o dito postigo de Sam Lourenço. Da banda do sul partem com rua e caminho que vae para o postigo do Moniz».

Santo André

A Mouraria estava assente entre duas portas da muralha de D. Fernando. Já falei da de S. Vicente, falta tratar da de Santo André, hoje ainda representada pelo arco da mesma denominação. D'esta porta saía uma estrada para o valle, no final da qual se lhe juntava a calçada depois chamada dos Cavalleiros e a rua dos Lagares. Em rigor esta última rua é a continuação da que saía de Santo André, e, como esta, ficava fóra da influencia mourisca. A passagem para o largo de Santa Barbara era naturalmente pela rua dos Lagares e rua das Olarias e moderno largo do Intendente, onde se confundia com a estrada que arrancava da porta de S. Vicente. Todas estas ruas torneavam as bases e as encostas da Graça e de N. Senhora do Monte.

1436. «rua que vay pera a porta de sancto andre». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 203 v).

1436. «caminho pubrico que vay pera a porta de santo andre». (*Id.*, fl. 213 v).

1436. «rrua publica que vay da porta de santo andre pera santa barbara»; «rrua grande acerqua da porta da mouraria que vay pera santo andre»; «rrua de santo Andre». (*Id.*, fl. 214).

1490. «azinhagaa que uay pera porta de sancto andre». (Livro 3 da *Extremadura*, fl. 1).

1479. «Rua que vay pera santo Andre». (Livro 21 da *Extremadura*, fl. 209).

1498. «caminho pubriquo que vem da porta de sancto andree e vaai pera o chafariz daRoios». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 39).

1498. «calçada que vaay do dita arrabalde pera a porta de Sancto Andre». (*Id.*, fl. 183 v).

1503. «Rua publica que vem da porta de sancto andre pera ho chafariz dandalluz». (Livro 6 da *Extremadura*, fl. 13).

1517. «Rua que vay da porta de santandre pera Alualade». (Livro 12 da *Extremadura*, fl. 60).

Os Lagares

A calçada de Santo André recebia, e recebe, no seu curto trajecto outras vias de comunicação. Num documento de 1502 (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 162 v) encontra-se a antiga rua dos Lagares «caminho que uem da calçada de Santo Andre pera os lagares dazeite».

Noutro documento de 1501 (Livro 6 da *Extremadura*, fl. 105) parece haver referencia á rua dos Canaleiros e á rua das Tendas «caminho que uem da calçada de santo andre que uay peras tendas dos mouros». Em 1548 (*Santos*, n.º 1789) ha esta menção «hãas casas na dita cidade na mouraria na Rua dos Cavaleiros que partem com Rua publica e por de tras cõ Rua das Holaryas».

O Livro 13 da *Extremadura*, fl. 76 v, ao anno de 1513 diz: «Ruas que vem da porta da mouraria e vñõ pera ho caminho que vay da porta de sanctandre por de tras das casas pello pee da costa de santa maria da graça».

O sítio dos Lagares deu o nome a uma rua que, saindo da calçada de Santo André, vai encostada ao monte da Graça, na direcção de Arroios ou Santa Barbara. Estes lagares eram propriedade do Hospital de Todos-os-Santos e de Pero Lopes do Carvalho:

1502. «huñ chão que parte com o caminho que uem da calçada de Santo Andre pera os lagares dazeite que o dito espital grande de todosos santos de dereito señorio he em ho arrualde da dita cidade ao pee da costa de Santa Maria da Graça, freiguesia de Santa Justa». (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 162 v).

1503. «lagar dazeite no almocouar». (*Id.*, fl. 180 v).

1503. «Rua publica que uay pera hos lagaares de Pero Lopez». (Livro 7 da *Extremadura*, fl. 13).

1510. «por de trás cõ azinhaga que uay ante elle (Mafomede Roballo) e ho logar (*alide* lagar) de Pero Lopez do Carualhal e per diante cõ ho almocouar que foy dos mouros». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 37 v).

Adeante de Arroios havia uns lagares que constituem hoje a quinta do Conde de Almada, como atrás fica notado: cfr. Carvalho da Costa, *Corographia*, III, 419.

Agricultura fóra das portas de S. Vicente

No terreno fóra dos muros, só do meado do presente seculo em deante, começou com maior intensidade a ser revestido de construcções. No valle, como intra-muros, predominavam as almoinhas, ao passo que as encostas estavam revestidas de oliveas e vinhedos. Da influencia arabe exercida nos processos agricolas dão-nos algumas mostras os documentos antigos, como um de 1381 (*Santos*, n.º 731): «arca e poços e nora e alfacara». Estes dois ultimos termos assim como as palavras «chafariz» e «almoinha» são de origem arabe.

Os trechos seguintes documentam o que a cima digo:

1429. «Almoynha com sua cassa que he acerca da porta de san Vicente da dita cidade ffora do muro que parte com bijnha de Basco Martijz e com o muro e com Azinhagaa per hu corre a agua». (Livro 84 de *S. Vicente*, fl. 424 v).

1437. «hũa quintaã que he no termo da dita cidade acerca do Resio de santa barbora». (Livro 11 da *Extremadura*, fl. 126).

1440. «horta emprazada e almoinha com suas casas que soya de trazer ho espirital dos meninos que he acerca de sam lazaro da dita cidade a par de bemfiqua que parte com caminho do concelho que vay pera o dito sam lazaro de huã parte E da outra com caminho e almoinha que soya trazer martim martijns. E com o oliual de sam Christouam». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 81).

1440. «hũa almoinha com sua casa que o dito moesteiro ha no dito arrualde que parte com almoinha da see e doutra parte com o Rego que uem da Santa Barbora e doutra parte com caminho publico que uay pera sam lazaro». (*Santos*, n.º 638).

1442. Horta da Larangeira ¹ «omde chamam bemfica a cabo da monraria». (*Dourados*, de Alcobaga, I, fl. 70).

¹ Junto da horta da Larangeira foi construido no sec. XVI o convento do Desterro, hoje convertido em hospital.

1452. «olinal com hũa uinha que esta acima da fonte da Royos, acerqua da quintãa de Joã da Veiga, caminho de Sacavem». (Livro 84 de *S. Vicente*, fl. 99).

1455. Orta «abayxo do curral dos mouros e parte com orta do see que ora traz Johã Farinha e com ferrageall de sam lazaro e com orta de D. Alvaro de Castro». (*Santos*, n.º 645).

1463. «orta que esta Junto com a dita amtre ho chafariz de sancta baruora e a dita cidade». (Livro 7 da *Extremadura*, fl. 212).

1466. «dous olyuaes do dito seu moesteiro .s. huũ que esta no chafariz de ssanta barbora que parte de hũa parte com o olyuall do doctor lopo gonçalluez e doutra parte com oliuall de Joham lopez caualeiro, morador a Santo Andre e da parte de cima emtesta com camjinho que vay pera Santa Maria da Graça e da parte do fundo emtesta com horta de Joham Correa que ora traz Fradim». (Livro 14 de *S. Domingos*, doc. 198).

1489. Orta que «parte de hũa parte cõ Rua publica que vay pera a porta de Sam Vicente e da outra cõ caminho que vay pera sam lazaro e doutra parte com o Rego que vem d'Arroios». (*Santos*, n.º 592).

1502. «partem de huũa parte com caminho do Concelho que vay teer a Sam Lazaro e da outra com caminho e orta da Igreja de sam Lourenço e por de tras com oliual de sam Christouam e per diante com a dita Rua de bemfica». (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 15 v).

II

A Mouraria

A população mourisca que ficou em Lisboa depois da conquista de 1147 devia ser composta na sua maior parte de industriaes e de proprietarios. Pouco a pouco ou de golpe, mas em todo o caso systematicamente, os mouros que viviam espalhados na cidade foram afastados para a encosta do monte em que se levanta o castello, na parte que olha para Nossa Senhora do Monte (monte de S. Gens), formando ali uma povoação, a que se deu o nome de *arrabalde dos mouros*, a qual ainda hoje permanece pouco mais ou menos, confundida, porém, no desdobramento successivo da cidade, de baixo do nome de *mouraria*.

Na *Chronica da fundação do mosteiro de S. Vicente* (nos *Port. Mon. Hist.*, Scriptores, I, 408) diz-se que a certo número de cavalleiros mouros foi permitido ficar em Lisboa. Se dermos credito a esta noticia, havemos de julgar que estes cavalleiros residentes no arrabalde tinham bens nos arredores de Lisboa, que os não obrigavam a exercer os officios me-

chanicos de olleiros, ferreiros, esteireiros ou esparteiros, tão preferidos pelos orientaes.

Até a extincção da liberdade religiosa em 1496 tinha o bairro dos mouros a denominação de *arrabalde dos mouros* ou *da mouraria* e depois o de «villa noua que soya seer mouraria da dita cidade» (documento do anno de 1496, n.º 624 de Santos).

Os mouros constituíam agremiação isolada com as suas autoridades civis e religiosas e dependentes só do rei. O chefe civil era o alcaide dos mouros, e junto a elle havia escrivães ou tabelliães, no principio só mahometanos. Tinham cadeia (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 226, v). açougue, curral (em 1455, n.º 645 de Santos), «logea em que se arrecadam os direyos dos mouros da mourarya» (Livro 7 da *Extremadura*, fl. 134), e tambem escola (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 177 v).

Tinham uma mesquita grande (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 220) convertida depois em templo christão, e outra menor. (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 106 v).

Em diferentes pontos de Lisboa havia banhos, não sendo os mouros tambem desprovidos d'elles, se bem que no seculo xv já estes lhes tinham sido retirados, e o edificio passára a outros usos. Em 1436 «casas de bainhos» (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 212), «casas nossas que tras affonso Pirez oleyro que foram bainhos» (*Id.*, fl. 203 v), «banhos do dito senhor» (Livro 1 da *Chancellaria de D. Duarte*, fl. 235).

Límites da Mouraria

Ficava a Mouraria entre as portas de Santo André e de S. Vicente, sem as alcançar, pois que lhes interpunham terrenos em que posteriormente se foram construindo habitações de christãos.

Os montes do Castello, da Graça e o de S. Gens estavam sobranceiros ao arrabalde mourisco, situado principalmente na encosta do primeiro d'estes. Não sabemos porque fosse este sítio escolhido para residencia dos mouros ferros; talvez que por estar afastado do rio, evitando assim uma combinação militar com os seus correligionarios de alem-Tejo ou mesmo do alem-mar. Quando D. Fernando lançou a Lisboa a sua cinta de pedra, deixou de fóra da capital o arrabalde. Ignoro a razão.

Os limites da Mouraria não se podem, por enquanto, determinar exactamente. Pelo sul ficava a meio da encosta do Castello, pelo poente era limitada pela rua direita da porta de S. Vicente, hoje chamada da Mouraria, e pelo nascente não passava alem da entrada da rua da Amendoeira. Da parte do norte ainda é maior a dúvida, porque era aqui onde se encontravam os almocavares dos judeus e dos mouros, os quaes terrenos foram depois cortados por diversas ruas, ao que parece.

O lado sul não tem offerecido á Mouraria alteração desde os tempos mais remotos; só agora tende a ser alterada profundamente com a criação de um bairro nos terrenos do Marquez de Ponte-de-Lima.

Rua de Bemfica

Do lado do poente o bairro dos mouros não passava além das modernas ruas da Mouraria e da rua de Bemformoso. Entre as almoínhas do valle e o sítio das Olarias encontra-se muitas vezes citada a rua de Bemfica. Este nome encontra-se actualmente numa freguesia dos arredores de Lisboa, a qual, segundo um documento de 1322, se chamava *Bemfica a noua a par de os Paços del Rey*¹. Na impossibilidade de determinar exactamente a rua que corresponde á rua de Bemfica, talvez a do Boi Formoso ou Bemformoso, aponto os seguintes documentos:

1377. Casa terrea «que era no dito arrualde hu vendem as ollas junto com as casas d'Ally Pequeno hu chamõ Bemfica». (*Santos*, n.º 623).

1390. Almoinha em Bemfica a par do arrualde dos mouros». (*Id.*, n.º 668).

1396. «hu chamã bem fyca na Rua Direita». (*Id.*, n.º 665).

1418. «Rua de Bemfica e dapar do arrualde dos mouros forros». (*Id.*, n.º 633).

1438. «quatro portaaes que som no dito arrualde da mouraria E partem cõ banhos do dito senhor e com casas dauãzaro mouro e pella Rua Direita do bemfica per onde vendem a louça». (*Chancellaria de D. Duarte*, I, 235).

1440. «horta emprazada e almoynha com suas casas que soya de trazer ho espirtall dos meninos que he acerqua de sam lazaro da dita cidade a par de bemfiqua que parte com caminho do concelho que uay pera o dito sam lazaro de huã parte. E da outra com caminho e almoinha que soya trazer martim martijnz. E com oliuall de sam christouã». (*Livro 10 da Extremadura*, fl. 81).

1442. Horta da Larangeira «onde chamam bemfica a cabo da mouraria». (*Livro 1 dos Dourados de Alcobaga*, fl. 70).

1471. «E partem de huã parte com a filha da Cordeyra e da outra com tasas do Alcobacill e per fundo com a logea que he de Mafamede Lampeda e per diante com Rua dentro da mouraria e per detrás com Rua direita da cristindade que se chama Rua da bemfica». (*Livro 4 da Extremadura*, fl. 13).

¹ *Archivo Nacional*, caixa 100 da *Collecção Especial*. Este pergaminho tem a seguinte nota que tira as dúvidas sobre a collocação da povoação: «Pertence ao casal, ao pé de S. Domingos de Bemfica, do Marquez da Fronteira».

1497. «Partem de huã parte com outras casas do dito seõor que tras o dito Lopo Roiz. E da outra parte com outras cazas do dito seõor que tras Gonçalo Diaz, oleyro. E por detras com Rua que uay pera Santo Andre. E per diante com Rua pubrica de bemfica». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 209).

1498. Casa que «parte de huã parte cõ casas de Joham do Outeiro, morador em bemfica e da outra com beco que atranessa ambalas Ruas dereitas e per detrás emtesta cõ becco que nam tem sayda e por diante com Rua publica». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 187 v).

1430. «Porta da Mouraria na rua que se diz de Bemfica». (*Santos*, n.º 587).

1555. «Rua de Bemfica, da uma banda «Reguo dagoa que nem do chafariz darroios, outra banda Rua que vae para Sam Lazaro». (*Santos*, n.º 626).

1573. «chão que esta na Mouraria indo da rua direita onde estão as hortas para a calçada de Santo André onde se chama Rua de Bemfica e Olarias». (*Tombo da cidade*, livro 2, fl. 242).

1585. «Casas na Rua de Bemfica». (*Jesuitas*, maço 42, n.º 42).

Olarias

Não soffre dúvida, como já mostrei, que a rua dos Lagares, que torneja o monte da Graça, ficava na christandade. Para baixo, porém, ficavam as Olarias, que parece terem sido terreno mixto. Christovão Rodrigues do Oliveira (em 1555) menciona duas ruas das olarias, uma de cima e outra de baixo. Hoje temos um largo (rua larga) das Olarias e uma rua também das Olarias. Nas citações que faço aqui não descremini as propriedades pertencentes a mouros e a christãos, o que fica reservado para um outro trabalho ou para qualquer outro investigador.

1377. Casa terrea «que era no dito arrualde hu uendem as ollas junto com as casas de Aly Pequeno hu chamam Bemfica». (*Santos*, n.º 633).

1436. «duas tendas nossas conjuntas as quaaes sou no arrualde dos mouros na rrua direita que vay da porta de sam vicente pera fora e partem com a dita rrua e de todallas partes com casas nossas que tras Affonso Pirez oleyro que foram banhos e com azinhagua que emtesta na rrua que vae pera a porta de santo andré». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 203 v).

1490. «partem de huã parte com outras casas do dito Snõor que ora tras Maria Roiz e de outra parte com azinhagua que uay pera a porta de santo andre e por detras com tenda que tras Costança Do-

minguez que sam do dito Señor e per diante com rrua prunica do arrualde da mouraria». (Livro 3 da *Extremadura*, fl. 7).

1498. «parte de hũa parte com tenda de R.^o Annes oulleiro e de outra com tenda de Garcia lopez outrosi oulleiro E com hũ seu quintall e entesta de hũa parte com caminho pubriquo que nem da porta de santo andree E uaai pera o chafariz daRoios». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 39).

1499. «tendas dos oleiros» perante os quaes passava a «Rua que vay da calçada de santa maria da graça pera a Rua direita da porta de sam uicente». (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 170 v).

1501. «arrualde nouo da mouraria da dita cidade homde estão os olleiros». (Livro 6 da *Extremadura*, fl. 105).

1501. «caminho que nem da calçada de santo andre que uay peras tendas dos mouros e emtesta o quyntal cõ tenda de Alle Azeyte (*Id.*, *ibid.*).

1510. «tenda que está nas olarias que partem de hũa parte com tenda que foy dalle almançor que hora he de mestre Jorge. E da outra com tenda que foy de Mafomede Roballo e por de tras cõ azinhaga que uay ante elle e ho logar (*sic*) de Pero Lopez do Carnalhal e per diante cõ ho alnocouar que foy dos mouros». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 37 v).

1548. «casas na dita cidade na mouraria na Rua dos Caualeiros que partem com Rua pubriqua e por de tras cõ Rua das Olaryas». (*Santos*, n.^o 1789).

Tambem se refere ao largo das Olarias, que vae da calçada de Santo André para a calçada do Monte, a seguinte citação:

1491. «Rua prunica que uay da mouraria pera santa maria do monte». (Livro 12 da *Extremadura*, fl. 15).

Tendas

Nos documentos relativos ás Olarias apparecem citações diversas de tendas de oleiros e de mouros, indicando umas vezes que ellas estavam nas referidas Olarias, e outras vezes que estavam na sua frente. Effectivamente existe ainda hoje em frente do largo das Olarias uma rua pequena, intitulada das Tendas.

Rua da Amendoeira

Conserva este nome deede eras remotas:

1394. «casas que sam no dito arrualde hu chamam a amendoeira». (Livro 11 da *Extremadura*, fl. 81 v).

1397. «casas no arrualde suso dito hu chamam a amendoaria (*sic*)».

Rua da Amoreira

Por agora basta só determinar que o termo *mouraria* apparece nalguns documentos *moureira*, como por exemplo em 1434: «Rua Direita da Moureira». (*Santos*, n.º 647). O beco hoje chamado da Guia chamava-se no seculo passado beco da Amoreira. Temos portanto duas derivações do termo amoreira ambas plausiveis: a de *mouraria* e a do nome da arvore.

Rua de João do Outeiro

Não sei qual era o nome primitivo d'esta rua. Num documento de 1498 (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 187 v) lê-se: Joham do Outeiro, morador em Bemfica.

Rua do Capellão

Não posso determinar a epocha em que se começou a usar esta denominação; na emtanto inclino-me a que provenha do sacerdote da mesquita intitulado *capellão*. O ultimo capellão mouro em Lisboa chamava-se Mafamede Laparo.

Rua dos Cavalleiros

Só no seculo XVI começou a haver esta designação:

1431. «casas que elle ha em lixboa no arrualde dos mouros que soyam de seer banhos e partem com casas de meestre mafamede fisico e com caminho pruuico que uay pera santarem e com azinhagua publica que saae pera o caminho que uay pera a porta (*sic*) de sam vicente e com tendas do dito senhor». (*Chancellaria de D. João I*, livro 4, fl. 88).

1436. «com casas nossas que tras Affonso Pérez oleyro que foram banhos e com azinhagua que emtesta na rrua que vay pera a porta de santo andré». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 203).

1436. «casas que foram banhos as quaes estam em o arrualde dos mouros da dita cidade e partem ao leuante com caminho publico que vay pera a porta de santo andré». (*Id.*, fl. 213 v).

1499. «Rua que vay da calçada de santa maria da graça pera Rua direita da porta de sam vicente perante as tendas dos oleiros». (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 170 v).

1501. «caminho que nem da calçada de santo andré que uay pera tendas dos mouros». (Livro 6 da *Extremadura*, fl. 105).

1548. «hũas casas na dita cidade na mourarya na Rua dos Caualeiros que partem com Rua publicqua e por de tras cõ Rua das Holaryas...» (*Santos*, n.º 1789).

Rua da Carneçaria

São duas as citações: «rua que vay das carneçarias dos ditos mouros pera cima», em 1430 (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 21 v); e simplesmente *Rua da Carneçaria*, em 1497 (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 48 v).

Curral dos Mouros

Devia ficar proximo da Rua da Carneçaria. Christovão Rodrigues de Oliveira menciona em 1551 o beco do curralinho.

1420. «curral onde os mouros matam seu gaado que partem com caminho que vae pera sam lazaro». (*Santos*, n.º 662).

1455. «Curral dos mouros». (*Id.*, n.º 645).

1586. «chãos acima da ponte de sam lazaro onde se chama o curralinho». (*Jesuitas*, maço 2, pacote 7).

Ruas não identificadas

Alem das ruas não identificadas, já a cima inscriptas, aponto ainda as seguintes:

1497. «Rua dalmamon (?)». (*Santos*, n.º 625).

1436. «em o arrualde dos mouros em fim da rua grande acerqua da porta da mouraria que uay pera santo amdré». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 214).

1471. «Rua de dentro da mouraria». (Livro 4 da *Extremadura*, fl. 13).

As Portas da Mouraria

Tanto as mourarias como as judarias eram fechadas, tendo algumas portas para as communicações exteriores. Os documentos revelam-nos a existencia, quanto á mouraria de Lisboa, de talvez tres portas.

1436. «as quaaes eram dentro em o arrualde dos mouros em fim da rua grande acerqua da porta da mouraria que uay pera santo amdré». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 224).

1474. «alem do poço dos mouros contra a porta da dita mouraria». (Livro 7 da *Extremadura*, fl. 134).

1499. «Rua direita que vay da porta daalem do poço pera cima». (*Santos*, n.º 624).

1513. «Ruas que uem da porta da mouraria e vão pera ho caminho que vay da porta de santandre por de tras das casas pello pee da costa de Sancta maria da graça». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 96 v).

1530. «Porta da mouraria na rua que se diz de Bemfica». (*Santos*, n.º 587).

Chãos

Junto do arrabalde dos mouros havia ainda depois da expulsão d'estes varios terrenos que partiam com os almocavares.

1498. «chão parte de huia parte com calçada (de Santo André)». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 231 v).

1502. «chão que parte com o caminho que uem da calçada de Santo André para os lagares dazeite». (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 162 v).

1503. «chão que parte do norte com almocovar que foi dos judeus». (*Id.*, fl. 31 v).

1503. «chão que esta no arabalde da mouraria perto do almocavar». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 97).

1513. «chão que esta no raball da mouraria». (*Id.*, fl. 96 v).

Almocavares

Significa o termo arabe *almocavar* «cemiterio». Segundo parece, o almocavar dos mouros na encosta de Nossa Senhora do Monte¹ já existia no tempo da conquista de 1147. Diz Osberno *in medio montis quo erat eorum* (dos mouros) *cimiterium*. Naturalmente teriam mais cemiterios os mouros, mas foi só o almocavar, junto do arrabalde, que perseverou. Logo depois da extinção da mouraria foi o cemiterio dos mouros, bem como o dos judeus, aforado em diversos talhões, e a pedraria dos jazigos foi dispersada na construção do Hospital de Todos-os-Santos, de fôrma tal que até hoje ainda não apparece uma unica inscripção que se tenha salvo. Identica ruina soffreram os livros d'aquellas duas raças, aos descendentes das quaes foi prohibido escreverem nos seus respectivos idiomas.

Os limites dos dois almocavares não os sei indicar; no entanto parece-me que os terrenos situados entre a Rua de Bemformoso, Largo das Olarias e Ruas de Bella Vista do Monte e do Terreirinho até o largo do Intendente ou travessa da Cruz, bem podiam ter servido de cemiterio aos mouros e judeus. Este terreno será grande relativamente á superficie da mouraria, mas é preciso notar que a maior parte d'elle pertenceria aos judeus e que os mouros dos arredores faziam-se enterrar talvez aqui.

Parte das ruas neste sitio dos almocavares mudaram as primitivas designações. A rua hoje chamada das Olarias denominava-se, no seculo

¹ Um documento de 27 de Outubro de 1284 (Caixa 86 da *Collecção Especial*) diz: «campo... in termino Ulixbon. ubi vocatur mons sancti Jenesij prope domos fratrum heremitarum ordinis sancti Agustini».

passado, do Rosario ou de Nossa Senhora do Rosario, a da Bombarda rua do Muro-Novo e a calçada do Forno do Tijolo calçada do Almo-cavar¹. No entanto o nome Bombarda já apparece no seculo XVI.

1491. «as ditas casas estam no almocouar que foi dos mouros nas ollarias que partem da parte do norte com casas do dito senhor que tras garcia lopez e do sul com casas de fernandeanes e por diante com Rua publica que vay da mouraria pera santa maria do monte» (Livro 12 da *Extremadura*, fl. 15).

1499. Chão «assy como parte ao norte com casas da see que ora tras afomecaneas oleiro. E com chaão do dito espirital grande. E ao sul com azinhagaa e seruentia. E ao leuante com ho almocouar dos mouros que foy. E ao poente com Rua publica que nem direita da porta de santandre. E com outras confrontações». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 183 v).

1499. «o qual chaão estaa na Rua que vay da calçada de santa maria da graça pera a Rua direita da porta de sam vicente perante as tendas dos oleiros e parte com a dita Rua e da outra parte com tendas de Joham Roiz oleiro e da outra parte com casas que ora faz Antam Gonçalluez christão nouo e da parte de cima com Resio que soya ser almocouar dos mouros». (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 170 v).

1503. «lugar dazeite no almocouar». (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 170 v).

1503. «Chão no arrabalde da par da mouraria e qual parte ao norte com almocovar que foi dos judeus. (*Id.*, fl. 31 v).

1503. «chão que esta no arabalde da mouraria que parte de huua parte com casas que foram de Antam Gonçalluez e agora he de seu filho e com outro chaão que he aforado a Joham Fernandez que he do dito senhor e com rrua que vay da mouraria pera o almocouar e da outra parte com outra rua que vay da porta da dita mouraria e vay pera ho almocouar». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 97).

1510. «a dita tenda que está nas olarias que partem de huã parte com tenda que foy dalle almançor que hora he de mestre Jorge E da outra com tenda que foy de Mafomede Roballo e por de tras cõ azinhaga que vay ante elle e ho logar (*sic*) de Pero Lopez do Carualhal e per diante cõ ho almocouar que foy dos mouros». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 97).

¹ Pelo exame das plantas das freguesias de Lisboa, levantadas pelo sargento Mór Joseph Monteiro de Carvalho, depois do terremoto e que se conservam no Archivo Nacional.

1573. «Tem a cidade umas casas terreas e um quintal tudo mistico em um aforamento do almocauar dos Judeus que é ao pé de N. S.^a do Monte, abaixo da casa da bombardia, e estão as ditas casas na rua que sae do dito almocavar para a calçada de pé de Nossa Senhora do Monte». (*Tombo de Lisboa* existente na Camara Municipal, livro 2, fl. 174).

III

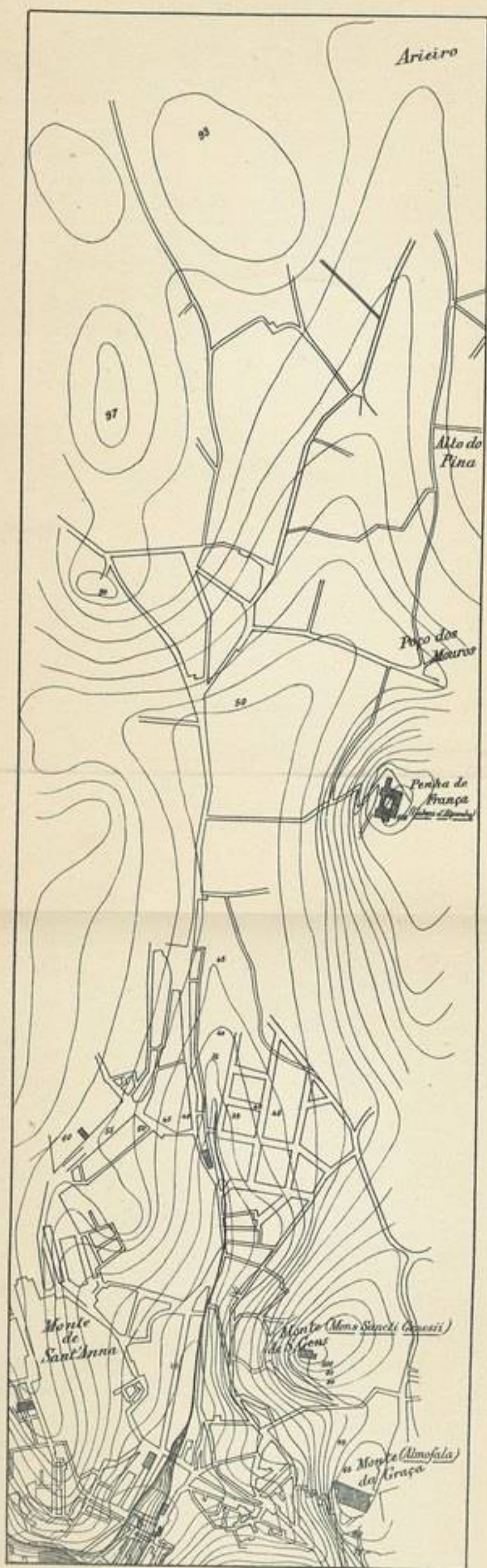
As Freguesias

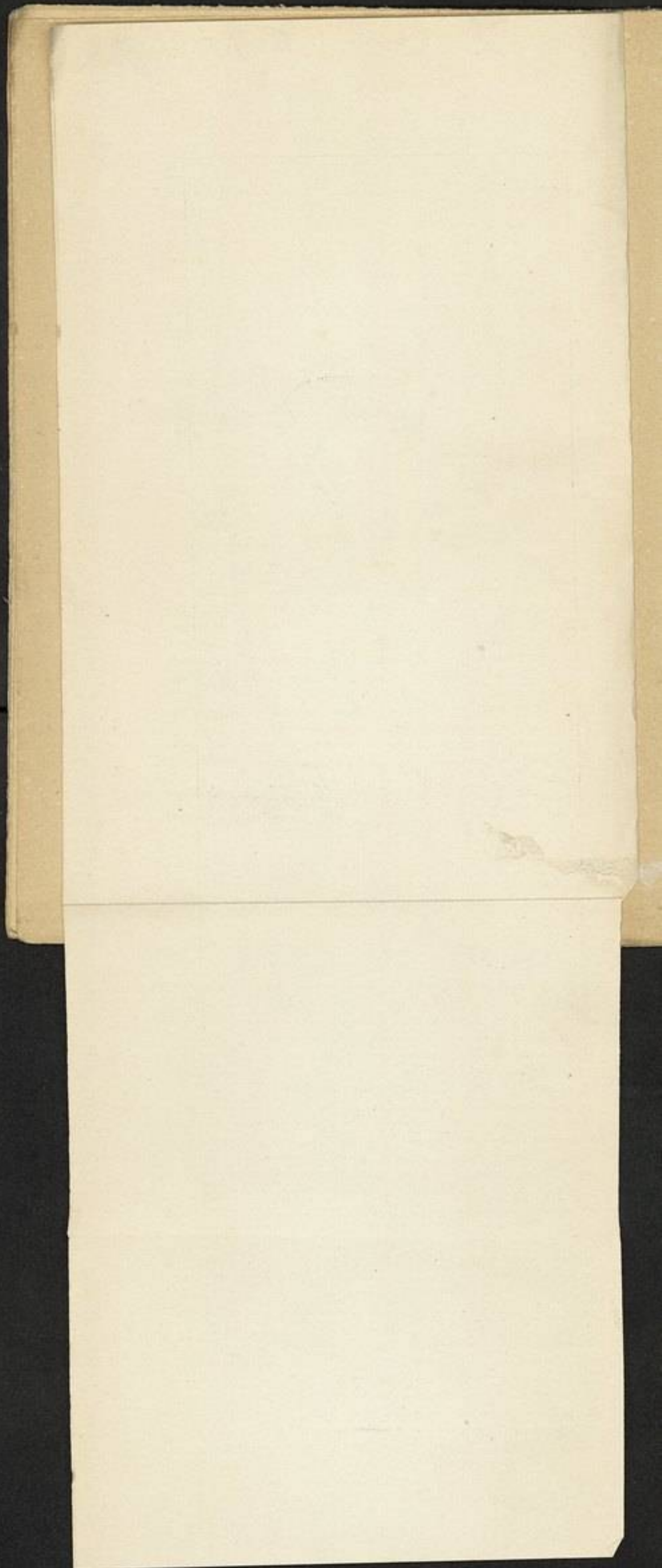
Á igreja de Santa Justa ficou pertencendo, desde 1496, a administração dos catholicos que habitavam não só a Mouraria, mas todo o valle até Arroios. Pelo tempo adeante os terrenos destinados a agricultura foram emprazados, e sobre elles construíram-se numerosas habitações, de fôrma que no meado do seculo XVI já se sentia a necessidade da criação de nova freguesia como se vê pela carta transcripta a baixo. Do desdobramento de Santa Justa nasceram as duas freguesias do Soccorro e dos Anjos. A freguesia do Soccorro teve a sede primeiramente na ermida de São Sebastião da Mouraria ou da Saude e só depois, no seculo XVII, recebeu com a actual igreja o nome que permanece.

Desde o seculo XIV que conhecemos a existencia da ermida de Santa Barbara, mas o sitio onde estava collocado fica envolto em trevas. O sr. Visconde de Castilho (*Lisboa Antiga*, VII, 56 sqq.) não conseguiu explicar completamente este facto. Segundo investigações, ainda incompletas, parece-me poder affirmar que a primitiva ermida de Santa Barbara estava assente se não onde a actual igreja dos Anjos, pelo menos muito proximo a ella. Durante muito tempo a rua direita dos Anjos teve o nome da rua direita de Santa Barbara. Ainda mais: no seculo XVI e parte do XVII, quando se falla nas hortas do valle de S. Jordão, que chegava até a entrada da rua de Bemformoso (Escola de Boi Formoso), acrescenta-se — junto á igreja de Santa Barbara. Evidentemente ha aqui confusão tal que só novos elementos poderão aclarar.

O documento que se segue — simples minuta — não é datado.

«Dom Joham per graça de Deus, Rey de portugal etc, como governador e perpetuo administrador que sam da ordem e cauallaria do mestrado de noso senhor Jhuu Christo A quantos esta minha carta virem faço saber que por virtude das bullas apostolicas das noue comendas da dicta ordem foy feita noua comenda da mesma ordem na ygreja de sameta Justa desta cidade de Lixboa da terça dos beês e Remdas da dicta ygreja que era do Priorado e Reitoria dela ficando o Rector com seu certa stipendio na forma das dictas bullas. E avendo





em ora Respecto como a dicta ygreja de sancta Justa he das Principaes ygrejas desta cidade E a grandeza da freiguesia dela em que ha tres mil e seyscentos foguos e ao tempo que asy em ela se fez a dicta nova comenda jaa era como he de muito grande freiguesia e vay cada vez em moor crescimento. E por sua tam grande freiguesia tem grande e euidente necessidade de se fazer na parochia em Santo Amtam da Mouraria outra noua ygreja com ajuda da matriz e fazerem-se e acrecentarem-se mais dous novos beneficiados na dicta ygreja de sancta Justa que sejam oyto com os seys beneficiados que ao presente nela ha afora o Rector e para yso se suprimir a dicta noua comenda que em ela foy feita e dos beës e Remdas dela que sam da dicta ordem se ordenarem fundarem e dotarem os dictos dous novos beneficios e apricar-se a toda a masa da ygreja no modo abaixo declarado E asy se tornar aa dicta ygreja domde sayo pela grande necessidade dela e polo auer por muito seruiço de Deus e bem da dicta ygreja o asemtey assy com o arcebispo de Lixbõa meu muito prezado primo e meu capelom moor com aprazimento tambem dos seys beneficiados e rector da dita ygreja de sancta Justa que a todo deram per seu compromisso sobre elo feito. Pelo que por esta presente suprimo e ey por suprimida em todo para sempre a dicta noua comenda da dicta ygreja de sancta Justa que mays a nam aja nela daqui em diante. Etc.*¹.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Torre de D. Chama

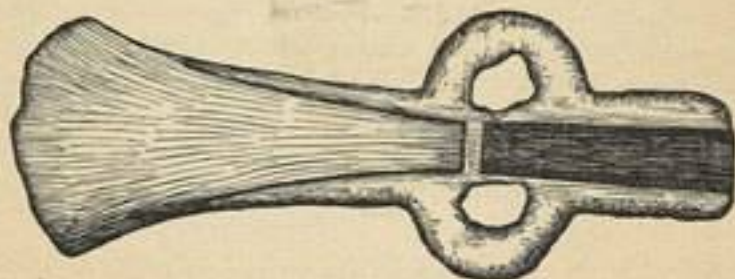
Ruínas de S. Braz

Já n' *O Archeologo Português*, 1, 232-237, o Sr. Castro Lopo, de Valpaços, nos dá muitas e curiosas informações archeologicas da Torre de D. Chama e do Cabeço que lhe fica proximo, sobranceiro e a nordeste, conhecido pelo nome de S. Bras, por nelle se erguer uma modesta capella em que se venera este santo. De encostas ingremes e cobertas de enormes rochedos de granito, em que nas rareiras vegeta a vinha e alguma arvore de fructo, apresenta na parte superior, em volta da ermida, as ruínas de um castro cujos restos de espessa muralha formada de pedra e cimento ainda se descobrem em partes.

Aos vestigios que se encontram á superficie já se refere com proficiencia a noticia mencionada, e a que temos agora mais de accrescentar

¹ Archivo Nacional, *Collecção de S. Vicente*, tomo viii, fl. 159.

que durante o nosso reconhecimento, que nelle fizemos, viemos a saber que tempos antes, um individuo, andando a cavar na encosta, descobriu um caixão de cobre muito pesado por estar cheio, como verificaram depois, de machados de cobre, uns em fôrma de cunha e outros como indica o desenho, tirado do unico exemplar que resta e que possui o illustrado e reverendo parochó P.^o José Videira; pois os outros, bem como o caixão, foram destruidos por um ferreiro na persuasão que eram de ouro. Na occasião em que este meu amigo m'o mostrou e prometteu para o Museu, apresentou-me tambem alguns fragmentos do caixão que indicavam ser de um fabrico muito rudimentar; e me deu algumas moedas romanas de prata e cobre encontradas neste sitio, sendo a mais antiga um *quinario*, cunhado pela familia CARISIA e que dizem «alludem á derrota dos cantabros e dos osturianos por Publio Carisio que fundou a colonia de Emerita, depois capital da Lusitania¹»:



¹/₂ do tamanho natural

Anverso—AVGVST—cabeça nua de Octavio á direita. Reverse—P. CARISI LEG—Victoria coroando um trophéu.

Incontestavelmente S. Bras guarda neste local muitos «thesouros», pois julgamos esta estação archaica muito curiosa e digna de serio e demorado estudo, porque me parece que ha nella «signaes» que devem elucidar e esclarecer bastante a epocha a que pertence.

Quer-me parecer que este «castro», pela sua posição a cavalleiro de uma planície fertilissima, onde se encontram restos de mais povoações extinctas, cuja defesa foi insignificante, e pela natureza e grande valor defensivo da sua fortificação, servia de *oppidum* de refugio a todos esses povoados nas occasiões de perigo commum.

Bragança, Abril 1900.

ALBINO PEREIRA LOPO.

¹ *Descripção historica das moedas romanas*, por A. C. Teixeira de Aragão, pag. 180, Lisboa 1870.

Carranca de bronze romana

O objecto que se figura aqui em tamanho natural pertence ao Sr. Teixeira de Aragão, e foi encontrado no Algarve.

Como este ha alguns no Museu Ethnologico, e tenho visto muitos em museus estrangeiros, o que prova que não temos aqui um producto de arte indigena, mas um objecto de importação.



Constitue a asa de uma *sítula*: em virtude da acção do tempo, separou-se d'ella, e perdeu-se, até que veio modernamente parar a uma collecção archeologica.

A fidelidade do desenho¹ dispensa maior descripção.

J. L. DE V.

Noticias prehistoricas

1. Dolmens no concelho de Villa Pouca de Agular

Na freguesia de S. Martinho de Barraes, no termo da povoação da Lagoa, perto do sitio chamado Penedos Alvos, encontram-se alguns dolmens que ainda não vimos.

O mesmo nos dizem os nossos informadores acontecer no termo de Vallongas, a nascente da povoação.

¹ Foi feito pelo Sr. Gabriel Pereira.

Na freguesia das Tresminas, no termo da Fihagosa, tanto ao SOE., como a SE., ha grande numero de dolmens devassados na sua grande maioria, senão totalidade, com o fim de se aproveitarem os esteios, que são de granito, para a construção de cubos de moinhos e para paredes das bouças.

Todos os dolmens encontrados estão nos montes e não nas pequenas ribeiras d'esta freguesia, em que ha muitos vestigios dos Romanos, sobresaindo os celebres Lagos de que se occupou Argote no volume II das *Memorias do Arcebispado de Braga*, pag. 478.

Nas informações que deram a este benemerito escriptor não lhe mencionaram dois grandes tuneis abertos na rocha para facilitar o transporte do minerio, cuja exploração deu em resultado o lago de Covas.

A seu tempo havemos de comparar o que diz Argote com o que se observa actualmente.

No termo de Alfarella de Jalles encontram-se alguns dolmens, segundo me informam pessoas dignas de credito.

2. Dolmens no concelho da Ribeira da Pena

Até o presente só podemos averiguar a existencia de dolmens no termo da povoação chamada Concelho, a nascente, no sitio denominado o Marco, e no termo da povoação de Santa Eulalia. Nos baldios de uma e de outra povoação ha muitos dolmens, segundo nos dizem.

3. Dolmens no concelho de Sabrosa

Na freguesia de S. Martinho de Anta existem alguns dolmens que não pudemos ainda examinar, o que faremos na primeira occasião.

Villa Real, 21 de Março de 1899.

HENRIQUE BOTELHO.

Antiguidades romanas de Lisboa

Ultimos descobrimentos

Gozou Lisboa de muita importancia na antiguidade, o que sabemos não só pela historia propriamente dita, mas pelos monumentos, não obstante haver-se perdido grande parte d'estes, já em tempos modernos. É assim que do avultado numero de inscrições romanas que se citam no *Corpus Inscriptionum Latinarum* restam poucas hoje.

Não admira, por conseguinte, que de vez em quando o seio da terra nos offereça algumas curiosidades archeologicas, por occasião de excavações casuaes que nelle se fazem. Aqui darei noticia dos ultimos descobrimentos da epocha lusitano-romana.

1. Largo de S. Domingos

Quando se procedeu aos trabalhos para o estabelecimento do ascensor de S. Sebastião da Pedreira, appareceram no largo de S. Domingos vestigios de construcções, ossadas humanas e ao mesmo tempo duas inscripções do tempo dos Romanos. Uma d'estas foi publicada no *O Archeologo Português*, v, 173; a outra está incompleta (dimensões 0,33 $\times$ 0,26) e só nella se decifra com certeza: SOMI... IOI... II, em tres linhas, tendo cada lettra a altura de 0,65. Ambas são de calcareo, e estão agora no Museu Ethnologico, com as ossadas e varios tijolos rectangulares (em latim *lateres*), alguns d'estes marcados grosseiramente com uma especie de N. Tambem appareceram do mesmo lugar grãos de trigo carbonizados. — Todos estes restos são de certo posteriores ao seculo II da era Christã.

Ao Srs. Presidente da Camara Municipal de Lisboa e da Companhia de Viação Funicular deve o Museu a acquisição (1898) d'estes monumentos da historia antiga da nossa capital.

2. Muralhas do Castello

Tendo-me o Sr. Mesquita Figueiredo dito que nas muralhas do Castello, em certo ponto, havia uma pedra com feiço especial, a qual denotava ser monumento romano, mandei arrancá-la, e verifiquei que nella se lia a seguinte inscripção funeraria romana:

..... IATIO
ASPRO AN XX
VIII CALVEN
TIA IVLIANA
MARITO PHS
SIMO · P · C ·

Isto é: ... *atio Aspro, an(norum) 29, Calventia Iuliana marito p(ri)mo f(aciendum) c(urauit)*, cuja traducção não offerece difficuldade. Na primeira linha falta o *praenomen* e parte do *nomen*, que acabava em *-atius* ou *tatius*; dos diversos *nomina gentilitia*, taes como *Atius*, *Barbatius*, *Curatius*, *Egnatius*, *Horatius*, *Lutatius*, *Muratius*, *Optatius*, *Statius*, *Tenatius*, o que convem bem aqui é *Lutatius* ou, como pre-

firo, *Optatius*, por causa do espaço. *Optatius*, com *Optatius*, deriva de *Optatus*; é curioso que em inscripções de Lisboa se encontrem estes dois ultimos nomes. O *cognomen* na nossa inscripção é *Asper*, em dativo *Aspro*, em vez de *Aspero*; a fórma *Aspro* encontra-se tambem numa inscripção de Hespanha: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5673; a propria litteratura latina nos offerece *aspro* (syncope). O nome *Calcentia*, da esposa de Asper, apparece frequentemente em inscripções, embora não se leia de modo certo em nenhuma da Peninsula; mas lê-se numa d'ellas o derivado *Calcentianus*: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4335. — A pedra tem estas dimensões: 0^m,46 × 0^m,275; falta-lhe a parte superior, pelo que não se póde saber se representava uma árula ou um simples cippo. As lettras tem de altura 0^m,20 e parece indicarem o seculo I da Era Christã.

3. Cêrea do Convento de Jesus

Ahi encontrou tambem o Sr. Figueiredo uma placa de pedra com inscripção romana, que fiz igualmente transportar para o Museu Ethnologico. Depois que alli chegou, verifiquei que já havia sido publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 253, mas com inexactidões. Aqui dou a cópia fiel:

D M S
TILIMACO
ANN LX
NEMESIVS
PATRI PIEN
... MO
F C

Na 2.^a linha: *Tilimaco* em vez de *Telemacho*, o que parece indicar certa peculiaridade da pronuncia popular do grego. Com effeito este nome é grego, como o seguinte que deriva de *Nêmesis*. Tanto Telemaco como Nemesio eram provavelmente escravos. — Na linha 6.^a ha-de subentender-se *tissi*, que completa as syllabas antecedentes e seguintes; a palavra completa é *pientissimo*. — É interessante notar que nas inscripções de Olisipo se encontram outros nomes gregos, taes como: *Euporius*, *Daphnus*, *Amaranthus*, *Eutichus*, *Chreste*, *Zozimo*, *Thymele*. — O campo da inscripção é quadrado: 0^m,28 × 0^m,28. As lettras tem de alto 0,03 a 0,035. — Esta inscripção não a julgo anterior ao seculo II da Era Christã.

4. Crasta da Sé

Em excavações que por conta do Ministerio das Obras Publicas se tem feito na crasta da Sé cathedral tem apparecido, nos entulhos, va-

rias antiguidades. Segundo determinação especial, emanada d'aquelle Ministerio, ficou pertencendo ao Museu Ethnologico Português o direito da posse de todos os objectos antigos encontrados lá. Não appareceu, porém, que eu saiba, cousa de grande valor.

O que recebi no Museu foi o seguinte: uma pedra aparelhada; varios fragmentos de amphoras e de tegulas; um cossoiro, ou *verticillus*, de barro negro; varios fragmentos de loiça pintada. Tambem lá se encontraram muitas conchas, o que costuma acontecer nas estações romanas, por vezes. Hesitei a principio se devia attribuir ou não á epocha romana a loiça pintada; todavia, de um lado a concómitancia do apparecimento dos demais objectos, do outro o facto de eu ter visto loiça igual em museus da Suíça, etc., dada como romana, levam-me agora a suppor possível a romanidade da nossa loiça da Sé.

Nada tem estranho o apparecimento de objectos romanos no local da Sé, porque é sabido que bem perto se encontraram antigamente muitos. No vizinho sitio das Pedras Negras se vêem ainda numa parede algumas inscrições; e mettidas nos proprios muros da Sé ha lapides provenientes de epochas antigas.

Com os objectos mencionados em primeiro logar, encontraram-se, tambem nos entulhos, varios seixos rolados, com vestigios de percussão; estes seixos foram sem dúvida utilizados como percutores, e eu tenho visto muitos iguaes em museus estrangeiros. Como taes instrumentos porém pouco tem especial, torna-se difficil marcar-lhes epocha certa, mas é provavel que sejam contemporaneos dos outros.

Todos estes objectos estavam enterrados a uns 6 metros de profundidade.

5. Moedas romanas de differentes sitios de Lisboa

Possuo duas moedas ibericas, achadas, ao que me disseram, no bairro de D. Estephania: um denario de Osca, com caracteres indigenas; um bronze mediano de Arze-Saguntum. Consta-me que com a primeira appareceram outras, mas não as vi. O denario appareceu em 1892; a outra moeda em 1893. A primeira pertence á classe que recebem dos historiadores romanos o nome de *argentum Oscense*.

No bairro novo de Camões, a Santa Martha, appareceram, segundo o que me disseram, varias moedas romanas de cobre, que adquiri para o Museu na occasião (1900): são de Claudio II (sec. III), de Constantino I (sec. IV), etc. — Com estas moedas appareceu um pedacito de cobre informe.

No terreno pertencente ao Convento da Encarnação (às escadas de S. Luiz da Pena) appareceram várias moedas que vi, mas que não



pude obter; um denario de Augusto (sec. I), um bronze mediano de Maxencio (sec. IV), etc.

O Sr. Pedro de Azevedo offereceu ao Museu duas moedas de cobre: uma de Constantino II (sec. IV), outra de Honório (sec. IV-V), a primeira achada no Alto do Varejão, ambas em 1898; não se pôde, porém, dizer se estas moedas determinam nos referidos locais epocha romana, por isso que de envolta com ellas estavam moedas portuguezas.

Por intermedio do Sr. Dr. Sousa Viterbo, foi-me offerecido para o Museu pelo Sr. Carlos Reis um bronze mediano de cobre, cunhado em Emerita (sec. I), e encontrado no quintal da casa n.º 10 da R. de S. Joaquim, a Santa Isabel, onde actualmente habito. Este anno encontraram-se no mesmo quintal uns pequenissimos fragmentos metallicos, alguns como de bronzes minimos da epocha romana, mas em tão mau estado que nada pôde dizer-se ao certo o que seriam.

O apparecimento em Lisboa de moedas ibericas cunhadas na Hespanha vem confirmar o que já por mais de uma vez tenho dito noutros escriptos: que as moedas cunhadas em certos pontos da Península corriam noutros muitos distantes.

Do que fica exposto vê-se que se alargou um pouco o conhecimento da historia da nossa capital na epocha lusitano-romana, em que ella se chamava *Olisipo*. É d'este nome, na fórma *Olisipona*, que vem o moderno nome *Lisboa*, que passou pela fórma intermedia *Lisbõa*, que se usava antigamente, e ainda agora se ouve na boca dos saóios. A melhor orthographia do nome antigo é *Olisipo*, com um *p*, porque só um *p* intervocalico, e não dois, se podia na pronuncia abrandar em *b*. Como porém algumas vezes se encontra escripto em documentos romanos *Olisippo*, isto prova que o *i* da penultima syllaba era longo, e por tanto accentuado, segundo uma lei bem conhecida da prosodia latina: d'onde se conclue que se ha de pronunciar *Olisipo*, e não *Olisipo*. Pelo menos é isto o que me parece.

As pessoas que estiverem no caso de dar informações sobre antiguidades de qualquer ponto do país, principalmente das epochas romana e pre-romana, e ás que, possuindo objectos antigos, os puderem dispensar, tomo a liberdade de pedir que me enviem as noticias para serem publicadas em *O Archeologo Português*, e offereçam os objectos

ao Museu Ethnologico Português, onde ficam ao alcance de todos os estudiosos. Em qualquer dos casos a correspondencia deve ser-me dirigida para a Bibliotheca Nacional de Lisboa. *O Archeologo Português* conta já cinco volumes, e tem sido collaborado por muitos archeologos nacionaes e estrangeiros. O Museu Ethnologico, com quanto esteja ainda em comêço, desenvolve-se todos os dias, e maior incremento tomará em breve, mercê do auxilio que me foi promettido; todavia, para attingir o *desideratum*, precisa da cooperação de todos. A archeologia não constitue meramente uma curiosidade ou um luxo; ella illumina a historia do passado, faz que o comprehendamos melhor, e, fortificando-nos no conhecimento das nossas cousas, ajuda-nos a termos noção mais clara e completa da patria. Assim o entendem todos os paises cultos: por isso nelles abundam ricos museus archeologicos, que são ao mesmo tempo enlêvo dos olhos, e fonte perenne de instrução historica, e de educação do sentimento nacional.

J. L. DE V.

Amuletos

Ha muitos annos que me occupo dos nossos amuletos, já reunindo exemplares, que pela maior parte tenho guardados no Museu Ethnologico, já tomando notas na bibliographia nacional e estrangeira. Logo que outros trabalhos m'o permittam, publicarei sobre elles um livro especial, ou um capitulo que faça parte de obra de plano mais generico. Esse estudo constará pouco mais ou menos das seguintes secções:

INTRODUÇÃO:

I. Definição e theoria geral dos amuletos: cfr. o opusculo *Sur les amulettes portugaises*, pag. 3 sqq.; e as *Religiões da Lusitania*, I, 111 sqq.

II. Uso geral dos amuletos nos differentes povos. Bibliographia correspondente.

III. Classificação dos amuletos: cfr. o referido opusculo *Sur les amulettes*, pag. 6 sqq.

IV. Chronologia historica dos nossos amuletos: pre-romanos, romanos, medievae, modernos; amuletos christãos (reliquias, agnus-Dei, veronicas, etc.).

V. Fontes de estudo dos amuletos portuguezes: 1) arte e litteratura em geral; 2) bibliographia especial; 3) tradição popular moderna.

A arte e a litteratura ministram alguns elementos, sobretudo em relação ao passado. A bibliographia especial é pequena: alguns folhetos e artigos meus, e um artigo de Antonio Pires, que condensam os factos principaes; notas avulsas publicadas em periodicos, como *Revista do Minho*, *Revista Lusitana*, *Revista Archeologica*, *Portugalia*, *Tradição*¹, ou em obras de character mais extenso (de Theophilo Braga, Adolfo Coelho, etc.). A principal fonte de que me sirvo é a tradição popular.

DESCRIÇÃO ESPECIAL:

O artigo sobre cada amuleto constará da descripção d'este, e das necessarias ou possiveis indicações bibliographicas e historicas que vierem a proposito. Será tambem acompanhado de uma estampa, de que se dão aqui algumas amostras (tamanho natural):



1. *Sino-saimão simplex* (*Signum Salomonis*), que é um dos nossos amuletos mais vulgares (tambem ha o *sino-saimão dobrado*); o exemplar acima figurado é feito de osso.



2. *Sino-saimão inscrito num círculo*: o exemplar acima figurado em primeiro lugar é feito de chumbo (nas orlas ha uns pontos coloridos),

¹ Em algumas d'estas revistas dizem-se, porém, cousas que já estavam ditas antes, e nem todos os objectos ali dados como amuletos o são.

e só o tenho por ora visto no Minho; o exemplar figurado em segundo lugar é feito de prata.



3. *Meia-lua*: os exemplares acima figurados em primeiro lugar são de prata; o figurado em terceiro lugar é de cobre (chapa de uma moeda).



4. *Amuletos pantheos*: chamo-lhes assim, por serem constituídos por diversos elementos que formam um todo: no primeiro aqui figurado entra a meia-lua e a figa; no segundo os mesmos elementos, e além d'isso o sino-saimão e a chave: o aspecto geral, porém, de cada um é de meia-lua. Ambos estes são de prata.

CONCLUSÃO:

Em muitas localidades os amuletos tem mais vida que noutras. Muitas vezes os amuletos propriamente pagãos são substituídos por amuletos christãos (cruz, etc.), ou passam á classe de meros berloques (por ex.: nas cadeias de relógio, nos collares), ou de objectos de uso, já também sem significação magica (por ex.: certos ganchos de meia).

J. L. DE V.

Archeologia trasmontana

Lamas de Orelhão. — A inscripção de Escovaes. — Serra de Santa Comba

À noticia que de Lamas de Orelhão dá o *Archeologo Português* no vol. v, pag. 30, temos de acrescentar o que lemos a pags. 811-815 de um curioso e já quasi gasto manuscripto intitulado *Tombo de S. Sebastião do Cobro*, feito pela mão piedosa de um seu reverendo parcho, P.^o Mathias Pires, e que me foi mostrado pelo actual encommendado de Lamas, o meu velho amigo P.^o Antonio Claudino Duarte Monteiro, na occasião em que percorri aquelles sitios.

Vae com a mesma epigrapha, e respeitada a dicção, mas alterada a orthographia, porque esta, a calligraphia e as abreviaturas tornam bastante difficil a sua leitura. Eis o

Memorial do Sítio d'este concelho de Lamas de Orelhão.

Setembro 6 de 1688

«A villa de Lamas de Orelhão está assentada no fundo da serra, que chamam Rei de Orelhão, para o norte seis leguas da Torre de Moncorvo, e para sul sete leguas da villa de Chaves, entre a villa de Mirandella e Murça de Panoias. Tem para a parte do sul junto da villa aonde pegam algumas casas está¹ um outeiro, que algum dia esteve cercado, de que ha ainda vestigios, e dentro da cerca moravam os moradores d'esta villa, e para a parte do norte bem se parece, que houve um fosso para defenza da praça, e mais para poente, e para o norte, ao pé da villa está uma capella de Santa Barbara com a era de 1620. Dizem pessoas antigas que ainda moraram dentro alguns moradores, que n'ella n'este tempo estiveram as casas da audiencia a prisão e loige (?) e que n'ella esteve o pelourinho. E tinha uma cisterna.

«E para esta villa veio um Gaspar Vaz Teixeira homem poderoso e natural de Oucidres, de Monforte, e que diz fizera as casas da audiencia, que mudára o pelourinho, para onde hoje está junto da igreja matriz que é de Santa Cruz.

«N'este tempo que seria pela era de 1630 veio para este concelho tambem um regulo por nome Gonçalo Teixeira de Miranda natural de

¹ [Ha de supprimir-se este *está*, ou o *tem* do principio do periodo, a não ser que falte algum trecho. — J. L. de V.]

Constantim de Villa Real e cirurgião (?) da casa do Marquez de Villa Real senhor d'esta villa e das mais do seu marquezado; e veio com sua mulher e com quatro filhos, e se aposentou no cimo da villa para a parte do sul em que fez casas porquanto lhe deu o dito marquez o officio de juiz dos orfos, e n'ellas fez um poço.

«E depois pela era de 1640 fez de novo uma quinta junto do logar dos Paços a que poz o nome de *Bom regalo*, de que apanhou muitas fazendas, umas por dinheiro outras á força d'elle, e para esta quinta pediu ao concelho todas as amoreiras que pôde, cercando esta quinta toda de amoreiras que foram mais de 500—e posto secassem muitas ainda tem muitas, e n'esta quinta teve muitas arvores de varias castas de fructo, como n'ella se deixa ver.

«E por baixo d'esta quinta fez uma fonte de cantaria com seus pilares, e muitas curiosidades, e para ella dizem os moradores de Lamas que o dito Gonçalo Teixeira de Miranda mudou a cantaria do tanque d'esta villa.

«E onde estava o tanque poz uma pia em que descarrega o rego de agoa, para beber as crias d'esta villa, a qual pia está aonde chamam o Val do Asno indo para o Franco, junto da estrada aonde descarregava uma fonte que vinha do cimo da serra para a parte do norte, para n'ella beberem as bestas dos passageiros, e tudo o mais.

«Tudo isto fez este regulo, que provavelmente estava no inferno, porquanto elle depois de já ser velho, foi ver um filho a Constantim, e de noite partio de uma janella rasgada abaixo e lá está sepultado que diz pela era de 1660 pouco mais ou menos.

«As casas do outro regulo são umas que pegão no adro da igreja para o sul. Os herdeiros do regulo Gonçalo Teixeira de Medeiros foi seu genro Gaspar Teixeira de Miranda que foi juiz dos orfos.

«E d'este procede Bento Teixeira de Miranda que tambem foi juiz dos orfos quatro vezes uma na era de 1710 (?)

«E d'este são filhos um Francisco Teixeira Bahia que mora em Bornes de Aguiar.

«E outro filho Luiz Bahia de Miranda de Macedo de Cavallo que já deu em seu pai—mas tambem o Bento Teixeira tinha dado em seu pai Gaspar Teixeira.

«Teve outra filha por nome Feleciana casada com José Maria de Mirandella cavalleiro da ordem de chisto professo.

«E dentro da cerca da villa se conta, que no tempo dos mouros se recolheram n'esta cerca os christãos, que foram uns falsos, que entregaram as chaves aos mouros e degolaram todos os que estavam dentro, que dizem chigara o sangue aonde hoje está o pelourinho.

«E d'esta villa eram naturaes S. Leonardo, e sua irmã Santa Comba, de gente lavradora e pobos que andavam no monte guardando o gado de seus pais; foi o rei mouro, que se chamava Orilhão, e quiz entender com a moça, elles foram fugindo até aonde está um penhasco alto, e a santa se metten pela fraga e alli escapou, que milagrosamente se lhe abriu a passagem para dentro, e dizem lhe tiraram as tripas, coração, e as botaram a um poço que está logo por baixo do penhasco para o nascente o qual nunca secca bem (?) estar no alto da serra. E da parte de fóra do cabeça está outra capella da invocação de S. Leonardo que dizem foi aqui martirisado.

«Aqui acodem muitas procissões de varios povos a pedirem agoa aos Santos e tudo Deus lhe concede por sua intervenção.

«A esta parte lhe chamam agora a Serra do Rei Orilhão e em um cabeça que está para sul da capella dos Santos está o refugio donde morava o rei mouro.

«Esta serra não tem senão monte e no alto aonde chamam Archo de traz da Serra por cima dos Paços está uma fonte que brota muita agoa, e de inverno fumeja e de verão muito fria e com a agoa rega uma lameira que é do limite dos Paços aonde vão pastar os seus bois no verão. Em toda esta serra se criam muitos lobos, e corças, e rapozas.

«Esta villa colhe mediano pão, algum linho, e azeite e castanha ao pé da serra, e tem tres fontes. Tem um rego d'agoa que vem da serra, mas não rega senão uma parte da villa para o norte.

«Tem oitenta vizinhos com suas Quintas —Cascalhal, Ribeirinha, Carrapata e Fonte da Urze.

«Carrapata tem uma fonte, na sua ermida a fonte é muito pezada de agoa, tem quatro moradores—Cascalhal, quatro moradores e fonte e não tem ermida—Ribeirinha uma capella de Santo Antonio e uma fonte para o nascente e outra aonde chamam Picaboi mas sendo fria e muito pesada—Lamas tem tres ermidas—N. S. do Amparo, S. Braz e Santa Barbara.

«Teve capitão mór, sargento mór e quatro companhias de ordenanças com seus officiaes;—dois juizes ordinarios; tres moradores e procurador; dois almotaceis, escrivão da camara, tres escrivães do publico, e notas; um geral dos achados nos logares de legoa a fóra outro dos achados de legoa a dentro e mais da confidencia; um escrivão das sizas, um juiz dos orfos com seu escrivão, e um porteiro, e um alcaide pequeno. Tem este concelho os logares seguintes: Franco, Villa boa, Pereira, Avidagos, Carvalhal, Rego da vide, Cobro, Escovais, Barcel, Val-verde, S. Silvestre, Marmelos, S. Pedro, Fonte da Urze

que tem tres capellas com a de S. Luzia, Bruneda, Gulfeiras, Eivados, Eixes, Sucções e Paços.

«Entra n'esta villa por correição o ouvidor de Villa Real, e entra o provedor da Torre no que lhe toma a sua jurisdição.

«Fonte da Urze tem uma fonte, e a capella de Santa Luzia e outra de Santa Ursella, outra mil virgens, e outra de S. Apolinario, e o coadjutor de Lamas diz missa alli aos dias santos, que lhe pagam os moradores as offertas e mais benesses são do vigario de Lamas».

No *Memorial* menciona-se como pertencendo ao concelho de Lamas a povoação de Escovaes, que ficava effectivamente a 4 kilometros a sul, onde hoje se descobre só um pequeno agglomerado de casas em ruínas que encham de tristeza a quem por ali passa.

A um canto, encobertos pelos muros das habitações, vêem-se os restos de uma pequena capella aonde se lê numa pedra de cantaria fina, mettida numa das paredes, a seguinte inscripção em lettras bem legiveis:

OP.ÆAS PRESÆL DARIR:V
 G: DSÆIG:ÆADO VREFORMÆRES
 ACAPELÆ.S.Æ:ADAPRSÆÆÇ:ÆDSÆ
 QT:ÆPORSVÆVOÇÆOERÆ.1681:

que transcrevemos por ser a unica memoria que resta, perdida e abandonada, d'esse logar aonde houve *deuses e lares*.

A *Serra de Santa Comba* é um enorme massiço de 1:001 metros de altitude e de fórma quasi circular, de onde se divisa vastissimo horizonte, limitado pelas principaes montanhas do systema transmontano, taes como as serras de Nogueira, Montezinho, Marão e Padrella, e pela Senabria, que pela grande extensão em que se avistava coberta de neve e pela sua projecção no céu, parecia a via lactea correndo na direcção NE-NO. Tudo leva a crer, que em tempos não sabidos, allamou com os seus clarões vulcanicos toda esta immensa amplidão, pois ainda se vêem espessas camadas de pedras calcinadas, quebradiças

e ennegrecidas que a cobrem quasi toda, impedindo bastante a vegetação, cuja existencia só se explica como sendo restos de um vulcão, cujo respiradouro principal, a cratera central, devia ser esse enorme e bem definido cone a que chamam Fojo, onde agora tomam origem dois pequenos regatos.

De onde em onde encontram-se grandes rochedos de schisto que apresentam algumas cavidades semelhantes a grutas, distinguindo-se uma de mais de 20 metros de comprimento, que parece artificial e obra talvez de quando se diz que houve nesta serra desenvolvida exploração de minas de antimonio. E como fortalezas naturaes prestaram guarida aos primitivos habitantes d'estes logares, pois nalguns recintos por elles limitados vêem-se restos de muros de pedra solta que serviram de vedação e de habitações. O *refugio* do Rei Orilhão é um castro nestas condições, bem como é o local em que está a capella de Santa Comba e outro que se encontra junto do caminho dos Paços, indo da fraga do Arasco.

E estes castros devem ser de origem muito primitiva, pois assim se induz da sua simplicidade, natureza e organização, mas tambem da lenda de Santa Comba referida no *Memorial*, em quasi tudo semelhante á de *Santa Comba dos Valles*, que se lê em a nota do vol. I, pag. 382, das *Religiões da Lusitania* do Sr. J. Leite de Vasconcellos. E o cavado pintado de vermelho da fraga junto da ermida, que dizem ser ora a lançada do mouro, ora o sitio em que foi degolado ou em que a rocha se abriu para esconder a santa, não é outra cousa senão um signal prehistorico como muitos que o mesmo autor menciona na mesma obra. O que é verdade e digno de attenção, é que a lenda indica ter havido uma revolução em defesa da virgindade offendida, confirmando este facto, que se encontra referido em tradições de outros logares d'estes sitios¹.

A pouco mais de um kilometro, a este, da capella está a *fraga da conta*, chamada assim pelos pastores que a indicaram, que era porque tinha um lettreiro que os nascidos não eram capazes de ler nem entender. Felizmente, com grande espanto e admiração dos pobres e rudes cabreiros, e dos meus tres companheiros, eu pude ler em letra já bem gasta—CAMINHO PARA OS PAÇOS E LAMAS!

E assim era, porque junto d'elle passava o caminho para estas duas povoações. Como depois soube, a minha decifração quebrou todo o en-

¹ As lendas de Nossa Senhora de Balsamão em Oliveira e do Castello de Robordãos.

canto que tinha esta fraga, á cêrca da qual se contavam as mais interessantes e curiosas historias nos povoados de volta da serra.

E não admira que se digam lendas de onde o silencio da montanha, o esplendoroso e indscriptivel panorama que se descortina, e a mudez da historia nos levam á meditação e a formar um mundo verdadeiramente phantastico e imaginario!

E quem sabe se o castro, onde se ergue a ermida, não foi já um templo, cujo deus desconhecido se foi com os crentes que lhe prestaram culto?!

Bragança, Março de 1900.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Questionario Archeologico

Por mais de uma vez se tem elaborado questionarios archeologicos com o fim de se recolherem elementos para o estudo das nossas antiguidades. Assim, por exemplo, na *Revista Archeologica*, t. 110 sqq., publicou um o fallecido escriptor Borges de Figueiredo; e dois outros se publicaram no *Archeologo Português*, t. 268 sqq., e II, 237, ambos com caracter official, o primeiro pertencente ao seculo XVIII, o segundo a este seculo.

O Sr. Albano Bellino, a quem a archeologia do Minho deve já bastantes serviços, publicou agora tambem um, que aqui reproduzo a seu pedido, e no interesse da sciencia nacional.

J. L. DE V.

Questionario

I.º—Nomes dos montes e outeiros. Alem d'isso, alguns d'elles tem o nome de Cividade ou Cidade, de Castro ou Crasto, de Castêllo ou Castêllo, de Cristêllo, Cerca e Citania? Ha em alguns d'esses montes vestigios de fortificações? Tradições relativas a mouros? Objectos de ouro, bronze ou cobre? Pedras esculpidas?

II.º—Penedos ou lages com buraquinhos no alto, circulos nelles gravados, pegadas ou quaesquer signaes attribuidos aos mouros. Ha grupos de penedos que formem grutas? — Penedos balouçantes? Ha alguns com nomes exquisitos, como «penedo» ou «pedra da moura», «cadeira do diabo», «egreja do diabo», etc., etc.?

III.º—Rios, ribeiros. Os seus nomes, onde nascem, onde desaguam, que logares ou povoações atravessam.

IV.º—Pontes. Se ha alguma ponte com arco ou arcos antigos, se a ella se liga alguma superstição, como o ter sido construida pelo diabo; ser escolhida para d'ella se tirar agua á meia noite e batizar qualquer creança, etc.

V.^o—Fontes. Nomes das fontes. Se teem nichos de algum santo que se venere na noite de S. João. Se ha fontes com nome e tradições de mouros.

VI.^o—Pôças. Se ha pôças afamadas por serem frequentadas por mouras, por bruxas ou por coisas más.

VII.^o—Minas. Se ha minas antigas e abandonadas em que se falle de thesouros encantados.

VIII.^o—Antas, antellas, dolmens, fórnos de mouros; mamôas ou mamoinhas (pequenos montes de terra isolados que se levantam nos campos). Se ha bouças, campos ou quaesquer sitios com estes nomes.

IX.^o—Sepulturas antigas abertas em penedos ou lages.

X.^o—Se ha algum lugar onde se encontrem fragmentos de vasilhas de barro ornamentadas ou lisas, contas de louça, brêlhos, tijolos grossos e com rebôrdo; alicerces de pequenas casas redondas, ou qualquer outra antigualha.

XI.^o—Se ha pedras ou penedos com letras attribuidas aos mouros ou aos romanos.

XII.^o—Copias fidelissimas de todos os lettreiros, linha por linha, em portuguez ou latim, gravados nas pedras soltas, nas paredes ou na base dos cruzeiros.

XIII.^o—Noticia de qualquer antiguidade cujo conhecimento possa interessar os archeologos, como estatuas ou esculturas de pedra ou cobre; tumulos de varões illustres e suas inscrições; apparecimento de moedas romanas ou godas; machados ou cunhas de pedra polida (pedras de raio); machados e qualquer objecto de bronze, vasilhas desenterradas em qualquer sitio, e que contenham carvão ou dinheiro antigo; pequenas mós, etc.

XIV.^o—Pelourinho, se existe. Se o cruzeiro da freguesia tem algum merecimento artistico ou historico.

XV.^o—Nomes de todos os logares e a origem do nome da freguesia, se é conhecida, meios de communicacão, distancia da séde do concelho, numero de almas e de fogos, nomes das freguesias confinantes, velhas costumeiras; descripção dos jogos tradicionaes populares e infantis.

XVI.^o—Espadas antigas com ou sem legendas; brasões de casas ou de portaes de quintas.

XVII.^o—Sinos antigos e modernos, as suas inscrições escriptosamente copiadas, incluindo os nomes dos fundidores, as tradições e superstições que lhes andem ligadas; medição da altura e do diametro da bôca.

XVIII.^o—Igrejas. Se a porta principal é de arco redondo ou ogival com esculturas e columnas, se está voltada para o poente, se na fa-

chada tem uma janella redonda, se o friso exterior é sustentado por modilhões ou cachorros figurados ou lisos, se nas paredes lateraes ha janellas ou em seu logar pequenas frestas, se é de uma, duas ou tres naves, numero de altares, nome do orago.

XIX.º—Capellas, oratorios. Sua antiguidade e invocação; votos antigos (clamores religiosos); romarias.

XX.º—Alminhas. Cópia exacta dos seus letreiros, sem alteração de uma letra, e indicação das figuras mais salientes pintadas no nicho, como pontífices, bispos e monarchas.

XXI.º—Se no archivo parochial se encontram pergaminhos ou titulos antigos; se na igreja ha quadros de valor, azulejos, tapessarias, alfaias de ouro ou prata, etc.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

309. Mindello (Entre-Douro-e-Minho)

Pedra de Guilhad

«Esta sita em terra vayxa em algumas partes alta, e de todo este sitio senão descobre mais que para a parte do Nacente o monte da Glorioza Santa Eufemea, e o sitio da mesma santa que dista huma Legoa para o Poente se descobre o mar com que avezinha e estando no fieiro se descobre des o sitio do Castello da Povea the a barra do Porto couza de cinco Legoas, e deste se ve a grande pedra que tem por nome Guilhad¹ (*sic*) que só nos grandes impitos do Mar no tempo do inverno lhe passa por partes as ondas. Pedra que servia aos viscainhos de escondrio (*sic*) no tempo que guerreavão contra o Engles.....» (Tomo XXIII, fl. 955).

310. Mira (Beira)

Supposta cidade de Mirogaya. — Modo antigo de caçar

«Há Tradição que a dita lagoa de Mira nos tempos antigos fora hũa Cidade chamada *Mirogaya* e que esta se afundara e se conta que asestindo nella o gloriozo Apostolo São Thomé della se retirara e Christo Senhor Nosso lhe falara dizendolhe que sahise da dita Cidade e se puzesse a vista della aonde estaria athe o fim do mundo fazendo milagres e obrando prodigios. Esta notticia alem de ser commua a tradição referida o certificou tãoobem hũ clerigo desta mesma Freguezia que nella hẽ cura há muitos annos chamado o Padre Manoel Rodrigues

¹ *Viliat* genetivo de *Viliatus*.

de Santo Antonio que hinde tomar Ordens sacras a Cidade de Lisboa, estando na camara Ecclesiastica della hũ homem muyto velho que ahy se achava ouvindo falar e dizer que elle hera de Mira lhe certificara e relatara a sobreditta notticia assim da lagoa ser cidade como o referido nome de *Mirogayo* como de nelle asestir Sam Thomé da maneyra sobredita. Dizendo o achara e lera em huma chronica muyto antiga.

E com effeito asim o tem mostrado a Experiencia em tantos prodigios como obra e tem obrado o gloriozo Apostolo São Thomé desde que appareço há tantos seculos no dito lugar atras declarado athe o presente aonde ainda existe com a mesma frequencia de milagres, e do povo com tal fervor como se fosse no principio.

Cria esta lagoa muyto lodo e Ervas a que chamão murrassa ou molisso de que se utelizão os Lavradores tirando-o e apanhando-a engenhosamente para a cultura de suas terras e com elle semear as suas novidades. E nella se tem achado alguns vestigios que testificão a tradição antiga de que fora Cidade, porque com a dita murrassa tem tirado alguns alguidares e Lousa antiga e dinbeyro antigo de cobre e junto da mesma lagoa se tem achado vestigios de Cazas e hũ Almo-faris munto antigo, e pello meyo da mesma lagoa hia huma terra firme ao modo que foy estrada ou muro a que os naturaes da terra chamão Ilha. Criava Erva aonde hia pastar o gado o qual já hoje se não vê pellas arejas terem alagado munta parte da lagoa e terem crescido as agoas. Terá a dita lagoa quazi hũ quarto de legoa de largo e quazi meya legoa de comprido e inda que o mar só dista della meya legoa comtudo não entra nella, e he toda de agoa doce. Pella parte do poente e Norte he toda cercada de arêas que a continuação dos ventos e cheas a vam alagando por lhe fallar os resguardos que antigamente tinha de matos e Arvores de que estava povoado tudo o que hoje são arêas desde a dita lagoa athe o mar. He tanto abundante de cassa de Adeus, Lavancos, Negras, Rabias e de outras diversidades no tempo de inverno a dita Lagoa que costumavão os naturaes da terra hirem a espera della na Entrada e sahida da mesma lagoa, e ahy com huns paus curtos grosos de huma parte e agusados da outra a que vulgarmente chamavão Porrytos (?) lhe atiravão ao ar e matavão munta quantidade de cassa, o que já hoje não fazem por uzarem de espingarda.» (Tomo XXIII, fl. 989).

311. Miranda (Entre-Donro-e-Minho)

Castello dos Mouros

«Hê terra aberta e nunca foi Praça de Armas e so tem huns Penedos altos huns em sima dos outros chamados Castelo de Miranda e há tra-

dição que para elles se Refugiaram os Mouros no tempo da sua expugnação». (Tomo XXIII, fl. 1025).

312. Moledo (Beira)

Restos de edificios. — Castello e obras dos Mouros. — Estrada coberta. — Castello da Maga

«Esta terra não he murada, nem nunca o foi; mas para a parte do Nascente fica hum monte alto a que chamam o Oiteiro de S. Lourenço, e principia a elevar-se logo deste Lugar de Moledo, e athe o mais alto deste monte he meia legoa, e no ponto mais alto he quazi de figura (*sic*) adonde se descobrem e acham hũas pedras que mostram serem ruinas de algum edificio, e ha tradiçam que fora ali Castello de Mouros, e correndo o tempo esteve ali tambem huma capela de S. Lourenço (donde se supoem que o oiteiro tomou o nome)...; e para a parte do meio dia deste Lugar dos Cazais e entre este de Moledo está outro Oiteiro que fica quazi no meio da subida que vai deste lugar para o Oiteiro de S. Lourenço, e se chama o Oiteiro do Vieiro aonde se ve huma cova larga com dois braços e ha tradiçam que de hum destes braços que fica para a parte do Norte hia por debaixo da terra huma estrada sahir a hum Ribeirinho que corre ao pe do Oiteiro, e que tudo isto fora obra dos Mouros a estrada esta hoje tapada, e se dis a taparam os moradores porque lhe perigavam ali os gados; e para a parte do Norte deste Lugar de Moledo fica outro monte que chamam a Serra da Maga donde está outro oiteiro que chamam o Castello de Menha ou o Castello de Maga adonde se descobrem huns pedaços de parede que em partes teram ainda hoje sete ou oito palmos de altura e parede forte, e estam estes tres oiteiros fronteiros hũs dos outros com distancia de meia legoa huns dos outros, e estam cheios, e cobertos de matos que a terra produz em abundancia¹. (Tomo XXIII, fl. 1098).

313. Mombeja (Alentejo)

Outeiro do Sirco

«No principio da Serra das Pedras distancia de hum quarto de Legoa desta Aldeia está hum Monte muito alto que o vulgo chama o Outeiro do Sirco este Monte está cercado de Muro antigo que não sobe da terra e dizem pessoas velhas que nelle quizerão edificar a Cidade de Beja, porem não descubro noticia certa porque dezistirão e a fizeram

¹ Este extracto já foi publicado por Borges de Figueiredo na *Revista Archeologica*, IV, 136.

aonde hoje existe e bem se vê que só fizeram os licerses e não houve terra ou Cidade por não se achar dentro nem fora dos Muros signal algum de ruina e dizem que por esta razão se intitula esta freguezia de Mombeja por se chamar o Monte de Beja antigamente que corrupto o vocabulo se chama agora Mombeja ou será também porque esta serra he a maior e mais levantada que tem Beja em seu termo». (Tomo XXIII, fl. 1118).

314. Monchique (Algarve)

Assento primitivo do Monchique. — Edifício antigo

«Monchique se chama este lugar o qual he muito antigo teve seu principio em o Collado e pello discurso dos annos se mudou a povoação e juntamente o nome». (Tomo XXIII, fl. 1141).

«A Igreja Parochial deste Lugar esta dentro do mesmo e não tem mais lugar que lhe pertença que o dos Cazaes aonde ha a ruina de hum antigo edeficio em huma quinta que se chama de Santo Antonio...» (Tomo XXIII, fl. 1141).

315. Monforte (Beira)

Minas de ferro. — Lapa

«Há vestigios em varias partes de se fabricar em alguns tempos ferro porque se achão escumalhos do mesmo ferro». (Tomo XXIV, fl. 1226).

«Tem a Serra concavidades em varias partes como são a Caza chamada da Lapa debaxo do chão feita em hum penhasco, que só tem hũa boca por entrada. Outra chamada a Caza subterranea da mesma factura. Dous fogos mais que se lhe não pode investigar o fundo que lançandolhe para dentro hũa pedra vay bastante tempo fazendo grande ruido». (Tomo XXIV, fl. 1227).

316. Monforte-do-Rio-Livre (Tras-os-Montes)

Inscrição portugueza do castello

«O Castello foy mandado fazer pello Senhor Rey D. Dinis como se manifesta de huma inscricao que na porta interior delle se acha que diz assim:

EU DOM DINIS ESTE CASTELLO FIS
QUEM DEPOIS DE MIM VIER
SE DINHEYRO TIVER
PARÁ O QUE QUIZER¹

(Tomo XXIV, fl. 1224).

¹ Cfr. inscripção V da n.º 7 n.º O Arch. Port., II, 137.

317. Monsanto (Beira)

Lapa. — Balneo. — Torre do Pião. — Lenda. — Serra da Mouraria.
Truva histórica. — Freguesia do Salvador

«No Bispado da Guarda, comarca de Castello Branco, a cujo nascente distancia de sette legoas está a villa de Monsanto, assim chamado pellos Anacoretas que a elle se refugiarão e nelle viverão pella invazão do Mouro». (Tomo XXIV, fl. 1271).

«Nesta villa floreceu Santo Amador hermitão da Ermida de S. Pedro de Vir a Corça asim chamado porque huma vinha á sua Lapa (que existe com veneração junto a Ermida) dar Leyte a huma criança que o servo de Deos por inspiração Divina foi tirar ao Cimo de huma penha iravessivel». (Tomo XXIV, fl. 1276).

«Junto a S. Pedro de Vir e Corça say da penha grandiozo olho de agoa quente de que em tempos antigos se uzou em Caldas porquanto em alguma distancia se vê em penha viva hum capacissimo balneo com escada e repuxos». (Tomo XXIV, fl. 1278).

«No cimo do monte tem hum fortissimo Castello com quatro Torres. Huma defronte do Castello em penha viva chamada a Torre do Pião demolida pella face que olha para a Fortaleza. Ignorace quem a demolio. Ha porem tradição que pello tempo das alteraçoes de Euora no anno de 1637.

He esta Fortaleza obra dos Templarios que nella se fizeram fortes contra a potencia e orgulho dos Mouros, que a tiverão em citio sette annos (e não forão os Romanos, como alguns escreverão por menos veridicas informações) a tão prolixo cerco não podião já rezestir os Christãos por falta de sustento athé que em dia da Invenção da Santa Cruz tres de Mayo pellos annos de 1230 lhe inspirou Deos que dessem de comer a huma bezerinha huma lemitada porção de trigo que só havia no Castello, e a lancassem delle a vista dos inimigos que achando-a rebentada e cheya de trigo julgarão que ainda havia tanto mantimento que sustentavão os animais com trigo; pello que desconfiados da Empreza levantarão logo o citio¹.

Ainda hoje em memoria deste feito no dia de Santa Cruz se ajunta a mocidade pellas Torres e penhas com grande regozijo lancando Cantaros, roscas, e varias couzas». (Tomo XXIV, fl. 1278).

¹ Cfr. *O Arch. Port.*, II, 64, nota; e III, 196, n.º 126.

«Tem mais á parte do Norte a Serra chamada da Mouraria, em distancia de hum quarto de Legoa, chamada assim por ser habitada de Mouros, que para vexarem e combaterem Monsanto principiarão fortalezas cujos vestigios existem». (Tomo XXIV, fl. 1280).

Freguesia de S. Miguel. — «..... estando em sítio que durou sette annos o Castello desta villa, posto pellos Mouros, vendo-se já os sitiados na maior consternação se rezolverão a tomar o Conselho de huma Matrona já velha, no qual lhe dizia que tomassem hũ Bezerro e fartando-o bem de trigo o lancassem dos Muros a baixo; pera que vendo os Mouros que tinham tanto trigo que até aos animaes o davão, se havião de rezolver a levantar o Cerco; o que com effeito assim succedeo, dizendo a trova seguinte:

Monsanto, Monsanto;
Orelhas de Mulo,
Quem te vencer;
Vencerá todo o Mundo.

E ainda hoje a 3 de Mayo dia de Santa Cruz os Moços solteiros indo ao mesmo Castello, e a outros sitios altos com hũ Cantaro de barro coberto com hum pano fazem esta Cerimonia representativa do referido successo, e as Raparigas vestindo huma figura em traje de Molher lhe tributão seus cultos de bailes, danças e cantigas em memoria tambem da sobredita Matrona». (Tomo XXIV, fl. 1291).

«Nam há mais couza alguma digna de memoria e só á que por tradiçam consta nesta Villa, que vivendo nella hum sapateiro chamado o Tratembalde em o anno da felis Aclamação pegando em huma escada se foi com ella até as portas do Castello; e arrimandoo á primeira, sobio ate chegar ás Armas reais que estão sobre ella; e fêz a trova seguinte estando alimpando as mesmas Armas do muito musgo que tinham criado:

As armas tem muito musgo;
As armas se hão de alimpar;
Portugal hade reinar;
Que não pode ser escuro.

E com effeito he tradição que assim succedeo nos termos que assim se refere». (Tomo XXIV, fl. 1293).

«..... so hũa tradição de que quando se fundou esta Villa foi primeiro intento dos fundadores plantarem na nella para a parte do Nascente; e ainda hoje a este sitio lhe chamão Monsanto, e outros Maria Criada, tendo por nome toda a Circunferencia a Serra da Mouraria ou Moreirinha *corrupto vocabulo*.....» (Tomo XXIV, fl. 1297).

318. Monsaraz (Alentejo)

Inscrição latina

«..... em hũa forte e levantada Torre, e sobre a mesma porta está o votto que o Senhor Rey Dom João quarto fez de defender a pureza da Conceyção da Senhora, e lhe ser tributario todos os annos escripto em hũa pedra marmore da maneira seguinte.

ETERNIT - SACR -
IMMACULATISSIMAE
CONCEPTIONI MARIAE
IOAN - IV - PORTUGALL - REX -
UNA COM GENERAL - COMITHS
SE, ET REGNA SUA
SUB ANNUO CENSU TRIBUTARIA
PUBLICE VOVIT
ATQUE DEIPARAM IN IMPERII TUTELAREM ELECTAM
A LABE ORIGINALI PRAESERVATAM PERPETUO DEFENSORU
JURAMENTO FIRMAVIT
VIVERET UT PIETAS LUSITAN -
HOC VIVO LAPIDE MEMORIALE PERENNE
EXARARI JUSSIT
ANNO CHRISTI M - D - C - XL - VI -
IMPERII SUI - VI -

(Tomo XXIV, R. 1225).

319. Montalegre (Tras-os-Montes)

Castello romanu. — Lago artificial

«Tambem no termo do Lugar de Parafita, que he da freguezia de Santa Maria de Viade e lemite deste Concelho se devizão as ruinas de hum inexpugnavel e antiquissimo Castello chamado de Sam Romam e ainda que no sentir de alguns fosse o dito edificado com toda a formalidade de que ao prezente nelle se descobre pellos Mouros para delle se deffenderem no tempo que occuparão as Hespanhas; comtudo a dita openião he menos verdadeyra e por tal a reputa o Autor das memorias de Braga, afirmando ser o ditto Castello edificado pellos Romanos..... etc. E não há muitos annos que huns moradores do Lugar de Veade com ambição de no dito acharem algum thezouro demolirão muytas couzas memoraveis delle e entre ellas o lugar onde estava pintado o novilho e parte de huma systema que no alto do Castello estava fundada do que ainda existem vestigios indubitaveis em distancia de meya Legoa para o Poente ao pé da via Romana, de que assima se fas menção. Estão algumas ruinas da fortificação chamada do

Rodrigo e ao pé desta morão dois Lavradores e as cazas destes ainda os alicerses dellas e parte da parede hé do tempo da refferida fortificação que a darse credito a tradição mais verosimil e avista do que fica exposto hé sem duvida, foy tudo isto obra dos Romanos e o passarem estes pellos referidos sitios hé indubitavel e assim o testeficão os padrois que na dita via e perto donde foi o Castello de Sam Romam e o de Rodrigo se encontrão. Em o lugar de Sapellos, que hé da freguezia de Sam Pedro de Sapiães há hum lago de altura consideravel no qual andão peixes, e junto do dito ha hãas concavidades subterraneas, e artificiaes, e ainda que alguns queirão affirmar fora artefactura dos Mouros toda esta operação, contudo esta openião se deve reputar seguindo a que segue o já citado Autor das Memorias Bracharenses, que affirmar ser o dito Lago e concavidade originado de nelle tirarem os Romanos grandes somas de ouro». (Tomo XXIV, fl. 1389 e seg.)

320. Mortargil (Extremadura)

Anexão local

«..... só se trãs hum ditado muito antigo que os moradores desta villa dizem: Serra de Maltim quanto ouro e prata tens em ti: porem não consta a cauza porque se dis este ditado». (Tomo XXIV, fl. 1415).

321. Monte-Mor-o-Novo (Alemtejo)

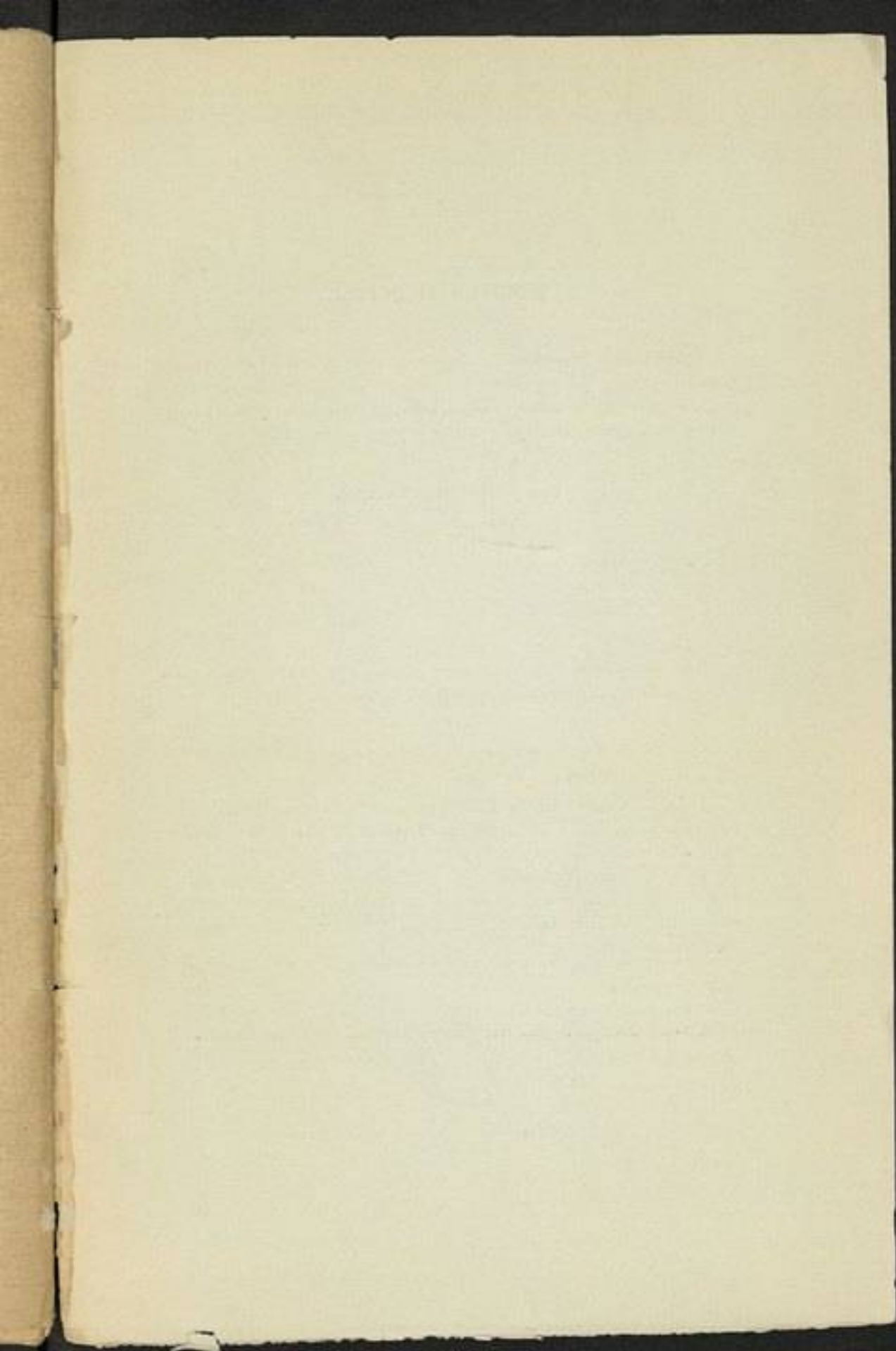
Inscrição romana

«A villa de Monte mor o novo está cituada na provincia de Alemtejo, Comarca e Arcebisado de Evora em dês grãos e doze minutos de Longitude e 38 grãos e 34 minutos de Latitude. No tempo dos Romanos foi povoação insigne para o que he fundamento irrefragavel a pedra que se acha na extrior parede do ádro da Igreja Matris de nossa Senhora do Bispo, que ainda hoje existe dentro da Cerca da antiga Villa em que se fás memoria de huma Flaminia de toda a Luzitania difrente da Eborensis como se vê da inscrição de que estando tão publica, nenhum dos nossos historiadores fes menção¹:

Outras memorias se achão que mostrão a sua antiguidade respeitada dos idólatras e veneráda em todos os seculos por huma das memoraveis da nossa Luzitannia. Foi celebrada com o nome de Castra Maliana, pela abundancia nativa de seos frutos e pelo inexpugnavel Castello com que se fazia timível. Nela estava pregando a fô São Mancio..... etc.» (Tomo XXIV, fl. 1429).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

¹ Corp. Insc. Lat., n.º 122.



EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.^o, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	1\$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.